

Flávia Brocchetto Ramos
Lovani Volmer
Maráisa Mendes da Costa
Organizadoras

VIVÊNCIAS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO



VIVÊNCIAS DE LITERATURA
NO ENSINO MÉDIO

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL**

Presidente:

Roque Maria Bocchese Grazziotin

Vice-Presidente:

Orlando Antonio Marin

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Prof. Isidoro Zorzi

Vice-Reitor:

Prof. José Carlos Köche

Pró-Reitor Acadêmico:

Prof. Evaldo Antonio Kuiava

Coordenador da Educs:

Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldo Rech (UCS)

Gilberto Henrique Chissini (UCS)

Israel Jacob Rabin Baumvol (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

José Carlos Köche (UCS) – presidente

José Mauro Madi (UCS)

Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)

Paulo Fernando Pinto Barcellos (UCS)

Flávia Brocchetto Ramos
Lovani Volmer
Maraísa Mendes da Costa
organizadoras

VIVÊNCIAS DE LITERATURA
NO ENSINO MÉDIO

© dos organizadores

Revisão: Izabete Polidoro Lima

Editoração: Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

V857 Vivências de literatura no Ensino Médio [recurso eletrônico] / orgs. Flávia Brocchetto Ramos, Lovani Volmer, Maráisa Mendes da Costa – Dados Eletrônicos. – Caxias do Sul : Educs, 2014.

148 p.: il.; 21 cm.

Vários colaboradores

Apresenta bibliografia

ISBN 978-85-7061-694-4

1. Literatura – Ensino Médio. 2. Literatura juvenil. 3. Leitura.
4. Incentivo à leitura. I. Ramos, Flávia Brocchetto. II. Volmer, Lovani. III. Costa, Maráisa Mendes da.

CDU: 376.33

Índice para o catálogo sistemático:

1. Literatura – Ensino Médio	82:373.85
2. Literatura juvenil	82-93
3. Leitura	028
4. Incentivo à leitura	028.5

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Kátia Stefani – CRB 10/1683

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Sumário

Apresentação /9

O Ensino Médio no atual cenário brasileiro / 11

Flávia Brocchetto Ramos

Lovani Volmer

Maraísa Mendes da Costa

Estudando o Quinhentismo e o Barroco... / 24

Proposta 1 / 25

Geneviève Faé

Proposta 2 / 34

Franciele das Graças Zarske

Proposta 3 / 40

Maraísa Mendes da Costa

Proposta 4 / 53

Taciana Zanolla

Estudando o Parnasianismo... / 75

Proposta 1 / 76

Luciana Idiarte Soares

Estudando o Pré-Modernismo e o Modernismo... / 88

Proposta 1 / 89

Fabiana Branchini

Proposta 2 / 99

Morgana Larissa Sage

Estudando o Pós-Modernismo e a Contemporaneidade... / 113

Proposta 1 / 115

Natália Brambatti Guzzo

**A literatura sai da casca: experiência da leitura literária no
Ensino Médio / 135**

Flávia Brocchetto Ramos

Lovani Volmer

Sabrine Elma Heller

[...] um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa.

UMBERTO ECO

Apresentação

Mesmo que mundialmente se discutam os direitos humanos há pelo menos 60 anos, torna-se oportuno refletir sobre outros direitos que vão além daqueles referentes à alimentação, à moradia, à educação e à saúde. Impõe-se a discussão sobre o direito a participar e a construir ativamente a cultura do país onde se vive. Um dos aspectos que constitui a cultura de um povo é sua literatura, entendida como parte do patrimônio da humanidade, pois sintetiza anseios de um povo. Que registros artísticos temos sobre a vida no Brasil desde que foi “descoberto”, em 1500? Muitas histórias se contam sobre o nosso país-continente nesses mais de quinhentos anos de História... E os textos literários ajudam a construir essa história mediante o registro do imaginário em poemas, romances, contos, peças teatrais.

Percorrer a leitura da literatura brasileira, no nosso entendimento, é um direito que todo brasileiro tem. No entanto, no sistema educacional brasileiro, apenas no Ensino Médio ela surge como componente curricular. E ainda surge de modo muito tímido, pois em muitas escolas é reservado apenas um horário semanal, de 45 a 55 minutos, para a disciplina.

Com tempo tão restrito, muitos colégios se preocupam apenas em apresentar o panorama da literatura brasileira e não em capacitar o aluno para a leitura da Literatura. Ensinar o estudante a ler literatura é uma atribuição fundamental para dar-lhe as condições necessárias para que possa ler mais profundamente o texto literário. No entanto, não lemos todos

os textos da mesma forma. Cada gênero de texto tem papéis e especificidades que devem ser observadas na leitura. Conhecer e respeitar a natureza dos textos literários é fundamental. Uma poesia não pode ser lida como uma propaganda, afinal são textos construídos com objetivos distintos: a poesia inventa um ser, e sua leitura sugere a divagação; já a propaganda fala de um ser específico, ou melhor, de um produto, com a intenção de convencer o leitor a transformar-se num consumidor. As demandas são diversas, conseqüentemente os resultados também o são.

Apresentamos no decorrer deste livro propostas de leitura do texto literário, considerando o estudante como um aprendiz que tem o direito de conhecer as peculiaridades desse texto e a se movimentar nele. Há uma questão pontual que move a formação deste material: o estudante, no decorrer da sua formação escolar, tem o direito de conhecer alguns textos constituidores da literatura brasileira. Como acessar essas obras sem saber como elas funcionam? Para conhecer, temos que conseguir entender o que está posto no texto, o que está escrito. Apresentamos, portanto, algumas propostas de leitura desenvolvidas por estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Letras, sob a orientação da professora Flávia Brocchetto Ramos. Tais propostas foram planejadas e desenvolvidas em 2008, na Universidade de Caxias do Sul. Acrescentamos, ainda, uma proposta de leitura em que a literatura transforma-se em linguagem cinematográfica.

O material contém apenas propostas de estudos referentes à Carta de Caminha; a fragmentos de sermões do Pe. Antonio Vieira; a poemas de Gregório de Matos; a poesias parnasianas (Olavo Bilac e Alberto de Oliveira), a contos pré-modernistas e modernistas (Lima Barreto, Mário de Andrade) e a contos do pós-modernismo e da contemporaneidade (Fernando Sabino, Clarice Lispector e Rubem Fonseca).

O Ensino Médio no atual cenário brasileiro

- Flávia Brocchetto Ramos
- Lovani Volmer
- Maraísa Mendes da Costa

Nas sociedades modernas, embora ainda não universalizada, a educação consolidou-se como um direito social, especialmente a escolar, que, no Brasil, é requisito básico para o exercício da cidadania e de práticas sociais.

Atualmente, a educação brasileira é normatizada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) e pelo Plano Nacional de Educação para 2001-2010. Assim, o Ensino Médio constitui-se como um dos níveis¹ da Educação Básica, formada ainda pela Educação Infantil e pelo Ensino Fundamental (BRASIL, 1996). Conforme nossa legislação, essa etapa de estudos tem por finalidade assegurar ao educando seu desenvolvimento, com vistas ao exercício da cidadania, assim como oferecer subsídios para prosseguir seus estudos e progredir no mundo do trabalho.

Nos últimos tempos, essa etapa da Educação Básica tem ocupado papel de destaque nas discussões acerca da educação brasileira, especialmente porque, *a priori*, o Ensino Médio não tem atendido às necessidades dos estudantes, que concluem esse

¹ O outro nível que constitui a educação escolar brasileira é a Educação Superior.

nível de estudos com muitas lacunas, tanto no que diz respeito à formação geral como para o mundo do trabalho.

No geral, os estudantes do Ensino Médio são predominantemente adolescentes e jovens.² Nessa idade, além das vivências próprias dessa fase, eles estão se preparando para assumir o papel de adultos, tanto no plano profissional quanto no social e no familiar, o que faz deste um período de muitos atravessamentos. Assim, entender os estudantes do Ensino Médio significa superar uma noção de homogeneidade e percebê-los como sujeitos com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares.

Para tanto, faz-se necessário oportunizar aos jovens contato com novas perspectivas culturais, a fim de, efetivamente, expandir seus horizontes e, ainda, dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes, assim, tanto o acesso ao conhecimento historicamente acumulado como à produção coletiva de novos conhecimentos, sem se esquecer de que a educação também é, sobremaneira, especialmente no contexto brasileiro, chave para o exercício dos demais direitos.

Nesse sentido, deve haver articulações entre as áreas de conhecimento e seus componentes curriculares³ com as dimensões Ciência, Cultura, Tecnologia e Trabalho, por meio do desenvolvimento de ações, atividades e vivências pedagógicas capazes de modificar o cenário atual. De acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE), o Ensino Médio deve, pois:

[...] ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas como preparação geral para o trabalho ou facultativamente, para profissões técnicas; na ciência e na tecnologia, como iniciação científica e

² Conforme o Conselho Nacional da Juventude, embora a noção de juventude não possa ser reduzida a um recorte etário, jovens são os sujeitos com idade entre 15 e 29 anos. (BRASIL, 2006).

³ No que diz respeito à sua organização curricular, o Ensino Médio é organizado em áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

tecnológica; na cultura como ampliação da formação cultural. (CNE, Resolução 04/2010, art. 26, § 1º).

Salientamos que essa articulação entre as áreas do conhecimento está prevista na Resolução 2, de 30 de janeiro de 2012:

§1º – O currículo deve contemplar as quatro áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a contextualização e a interdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos.

Com essa perspectiva de aproximação da prática educativa com o mundo do trabalho e as práticas sociais, a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul propôs uma nova organização curricular, apresentando aos jovens adolescentes gaúchos três possibilidades de conclusão da Educação Básica: Ensino Médio Politécnico, Ensino Médio Curso Normal e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio.

De acordo com o Conselho Nacional de Educação, o currículo do Ensino Médio deve:

I – garantir ações que promovam:

- a) a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes;
- b) o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura;
- c) a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II – adotar metodologias de ensino e de avaliação de aprendizagem que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III – organizar os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação de tal forma que ao final do Ensino Médio o estudante demonstre:

- a) domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;
- b) conhecimento das formas modernas de linguagem. (CNE, 2012).

Nesse sentido, no Rio Grande do Sul, a partir das mudanças implementadas pela Secretaria de Educação do Estado, são, a partir de 2012, ofertados três currículos distintos, conforme segue:

- *Ensino Médio Politécnico*: será desenvolvido em 3 anos, com duração de 2.400 horas, distribuídas entre formação geral e parte diversificada (no primeiro ano, 75% da carga horária é destinada para a formação geral e 25%, para a diversificada; no segundo ano, 50% para cada formação e, no terceiro, 75% para a parte diversificada e 25% para a geral. A formação geral, formada por um núcleo comum, prevê um trabalho interdisciplinar com as áreas do conhecimento,⁴ no intuito de articular o conhecimento universal sistematizado e contextualizado com as novas tecnologias, enquanto a parte diversificada prevê articulação das áreas de conhecimento a partir de vivências com o mundo do trabalho, visando à apresentação de opções para posterior formação profissional.

- *Ensino Médio Curso Normal*: é desenvolvido em 3 ou 4 anos, com no mínimo 3.000 horas, das quais 400 horas correspondem ao estágio, e visa à formação de professores. A organização curricular dá-se por blocos de áreas de conhecimento, enfoque ou temáticas, através de planejamento coletivo por parte dos professores. Assim, no primeiro ano, o enfoque estará na relação teoria-prática, com a reflexão sobre o cotidiano da escola; no segundo, na relação teoria-prática-teoria, com a realização de pequenas práticas de regência de classe; no(s) último(s) ano(s), na

⁴ As áreas de conhecimento são: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; e Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

relação reflexão/ação, a partir da ação do aluno como educador. A fim de garantir a interdisciplinaridade, a carga horária deve ser dividida entre as áreas do conhecimento e os enfoques ou as temáticas, que, nesse caso, são: Educação e Conhecimento; e Conhecimento Específico da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

- *Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio*: com carga horária entre 3.000 e 3.200 horas, integralizadas em um período entre 3 e 4 anos, com a possibilidade de estágio, a construção desse currículo exige a participação coletiva, uma vez que não é possível conhecer a realidade apenas a partir dos conhecimentos específicos. Pretende-se aqui romper com a hierarquia de conteúdos, ou seja, formação geral e profissional fazem parte de um curso único, o que deve transparecer na organização curricular, considerando os perfis dos cursos e suas necessidades.

No que diz respeito ao Plano Político-Pedagógico, a Resolução 2, de 30 de janeiro de 2012, apresenta, ainda, 22 pontos a serem observados quando da sua construção, a fim de garantir a proposição de alternativas para a formação integral dos alunos e o acesso aos conhecimentos e saberes necessários para a conclusão dessa etapa de estudos. Essa formação integral, salientamos, deve possibilitar não apenas o acesso a conhecimentos científicos, mas também promover a reflexão crítica e colocar o aluno em contato com aqueles direitos que, consoante Candido (1995), são imensuráveis, alimentam a alma, como a Literatura, por exemplo.

Cabe, nesse sentido, citarmos a Lei 9.394/96, que, no inciso III do artigo 35, também remete à educação integral, voltada para o desenvolvimento da pessoa humana, da capacidade de aprender, de aplicar o conhecimento em seu projeto de vida e no exercício da cidadania e prevê “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Assim sendo, é preciso abandonar o currículo rígido e vazio de interações entre os diversos conhecimentos e buscar a autonomia intelectual, a solução de problemas, a análise, entre tantas outras competências, sem se esquecer da importância da criatividade e do afeto para a aprendizagem.

Na área de Linguagens, que engloba as disciplinas já conhecidamente denominadas de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Estrangeira moderna, além de Artes (em suas diferentes linguagens) e Educação Física, toda a reflexão parte da premissa de que a principal razão de todo e qualquer ato de linguagem é a busca pela produção de sentido. Assim, os parâmetros curriculares orientam o trabalho escolar de forma que favoreça a habilidade leitora, o domínio de diversas linguagens e o estudo de seu papel nas relações entre as pessoas. O que se pretende é instrumentalizar o aluno para o domínio de diversos suportes de comunicação, reconhecendo a língua materna como parte integrante da interação com o mundo externo e de sua própria interioridade.

Sendo assim, diferente de uma postura conservadora de adaptação e conformação à realidade, de currículos e ações escolares, que ficam presos a moldes nos quais os conhecimentos têm fim em si mesmos, o esforço deve ser o de atrair os estudantes e dar-lhes condições para que desenvolvam uma leitura competente, o que se faz com a construção de sentidos e de pluralidade de leituras.

Nesse cenário, está o estudo do texto literário, tratado como mais um dos modos discursivos a serem abordados. Porém, dadas as especificidades da Literatura, é fundamental que se discuta esse encaminhamento, visto que ela é uma forma de educação da sensibilidade, atingindo um conhecimento que, mesmo não mensurável, é, acima de tudo, humanizador, tal qual o papel que se reserva às artes em geral. A Literatura apresenta-se como uma expressão da complexidade humana, do estar-no-mundo de diferentes formas, fazendo transcender o que já está dado e, conseqüentemente, propiciando a experiência da liberdade, da multiplicidade e da humanidade.

A perspectiva eleita para a Literatura na escola é aquela da formação ética e estética que se quer no Ensino Médio. Apenas por essas razões já fica claro que não basta tratar o texto literário simplesmente como mais um dos gêneros textuais a serem abordados, mas dar-lhe o devido foco e espaço. Tratar a Literatura de uma forma mais abrangente, no entanto, requer uma mudança de postura docente frente ao texto literário, ao seu papel de mediador e, fundamentalmente, ao lugar real que a leitura literária ocupa em sua experiência pessoal.

É com esse olhar que surge este Caderno, em que serão apresentadas e discutidas, predominantemente, algumas reflexões oriundas da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado da Literatura de Língua Portuguesa no Ensino Médio, uma das etapas do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade de Caxias do Sul, e, no final, a apresentação de uma proposta metodológica de leitura de textos literários, a partir de experiência em uma escola da região metropolitana de Porto Alegre.

A disciplina no curso de Letras tem por objetivo discutir a relação entre as teorias e a prática de ensino da Literatura, de maneira a optar por uma metodologia adequada à formação de leitores de textos literários. Outra finalidade da disciplina é analisar o conceito de texto literário, aplicado à literatura no Ensino Médio, e orientar a elaboração e a aplicação de unidades de ensino. Buscamos a vivência de uma prática educativa que envolva atividades de planejamento, execução e avaliação do trabalho desenvolvido.

A organização de roteiros de leitura

A escola precisa ser reinventada, o que é compromisso de todos os envolvidos no processo educativo. Faz-se, para tanto, necessário priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, cooperativos, participativos e com conhecimentos que lhe possibilitem ir e vir, tanto no que diz respeito ao plano pessoal como ao laboral.

Com essa premissa, a disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado da Literatura de Língua Portuguesa no Ensino

Médio foi organizada em três etapas distintas. A primeira consistia no estudo de referencial teórico, na simulação de unidades de ensino, a partir do referencial, e na observação da metodologia de trabalho escolhida para desenvolver o planejamento. Na segunda etapa, ocorreu a elaboração de proposta de ensino e de operacionalização do planejamento, em turma de escola regular de Ensino Médio, em Caxias do Sul. A última parte consistiu na avaliação das ações desenvolvidas e na elaboração do relatório (trabalho de conclusão da disciplina), em que se incluía e discorria sobre o material estudado e elaborado durante o período da disciplina.

O que planejar depende da orientação recebida pelo professor de cada turma. No entanto, o modo como se propicia a experiência do que é solicitado na escola pauta-se na leitura e no estudo do texto literário, a fim de instrumentalizar o estudante do Ensino Médio para a leitura da literatura nas suas diversas modalidades. Desse modo, elegemos uma metodologia que tivesse como foco o leitor. Pautados em estudos de Candido (1995), Jauss (1994) e Iser (1979), os estudantes organizaram o macroplanejamento da proposta a partir de dois pontos: aplicar os princípios teórico-metodológicos da disciplina cursada e desenvolver o tópico ou conteúdo solicitado pelo professor da turma, em que seria aplicado o planejamento.

Respeitando, pois, a indicação dada pela docente, os estagiários desenvolveram propostas de Literatura que levassem em conta a seguinte questão: Que textos desse período literário o estudante de Ensino Médio tem o direito de conhecer? Respondida essa questão, partimos para a orientação metodológica, que, no caso da macrounidade, deveria seguir princípios do método recepcional, proposto por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988). Desenhado o caminho, ou seja, de onde partimos e aonde queremos chegar, focalizamos o estudo de cada texto. Chamamos esse estudo particularizado do texto de roteiro de leitura ou microplanejamento, de acordo com orientação de Saraiva (2001) e Saraiva e Mügge (2006).

Entendemos, a partir do referencial utilizado, que um roteiro de leitura deve constituir-se de três etapas. A primeira,

denominada atividades introdutórias à recepção do texto, abrange a motivação para leitura, que é feita através de diferentes estratégias. Na segunda etapa, há atividades de compreensão e interpretação do texto literário, em que se desenvolvem questões que priorizem a atuação do leitor, no sentido de entender o funcionamento da linguagem simbólica, a fim de o leitor apropriar-se do texto literário. A terceira etapa abrange a transferência e aplicação de leitura, em que o leitor torna-se autor de um novo texto, a partir das experiências vividas nas etapas anteriores, ou seja, a partir dos efeitos que esse texto e que a proposta de atividades geraram no estudante.

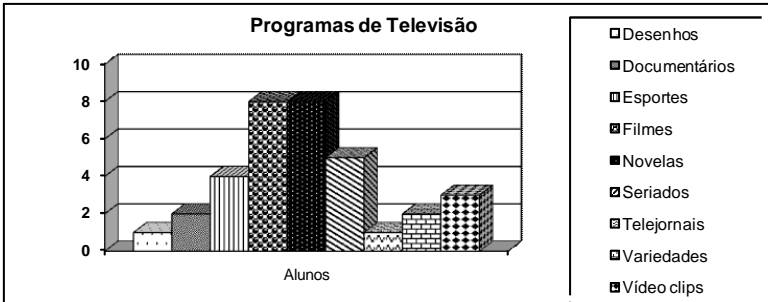
Colocamos, pois, como premissa na organização dos roteiros que a leitura de cada texto deve seguir os seguintes momentos: antecipação de leitura, atividades de leitura analítica, atividades de leitura compreensiva e atividades de interpretação.

Adentrando à prática...

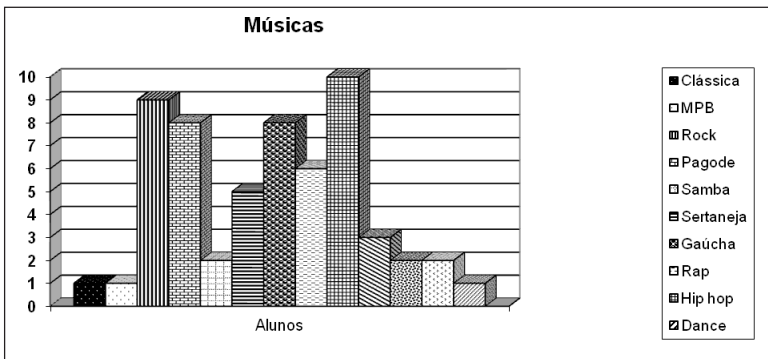
Antes de iniciar o processo de planejamento, é necessário conhecer as peculiaridades do meio onde se vai atuar. Para tanto, os acadêmicos realizaram diagnósticos, a fim de conhecerem a turma, a proposta de trabalho desenvolvida pelo professor titular, o funcionamento da escola, entre outros aspectos. Destacamos que as escolas estão localizadas no Município de Caxias do Sul, suas bibliotecas possuem acervo restrito e, em vários casos, encontram-se fechadas por falta de um docente que atue nesse espaço.

As turmas, por sua vez, são heterogêneas e constituídas por estudantes oriundos de diferentes comunidades, em virtude de o sistema de matrícula estar centralizado na Coordenadoria Regional de Educação, órgão ligado à Secretaria Estadual de Educação. Outro aspecto a ser destacado é o alto índice de evasão, já que as turmas, no início do ano letivo, eram formadas por mais de trinta alunos e, no segundo semestre, poucas mantêm tal número; predominam, nos meses de setembro e outubro, turmas com menos de vinte estudantes.

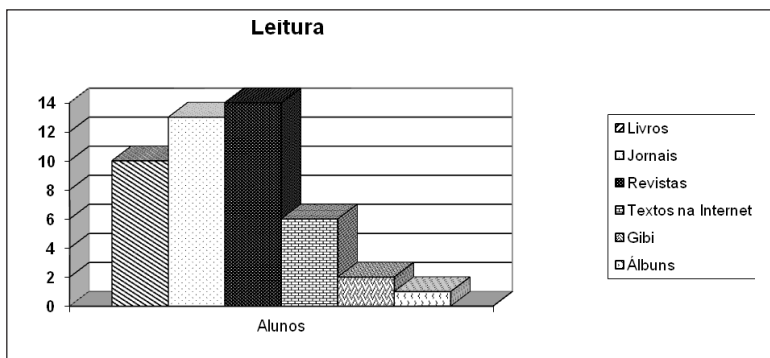
⁵ Os dados foram levantados e sistematizados por Maraísa Mendes da Costa, a partir de questionário aplicado na turma 104, no segundo semestre de 2008, na Escola Estadual de Educação Básica Abramo Pezzi, localizada em Caxias do Sul – RS.



Os dados que caracterizam as turmas se repetem. Assim, elegemos um levantamento de dados, a ser apresentado a seguir, para expor o cenário do Ensino Médio.⁵ Para conhecer o grupo

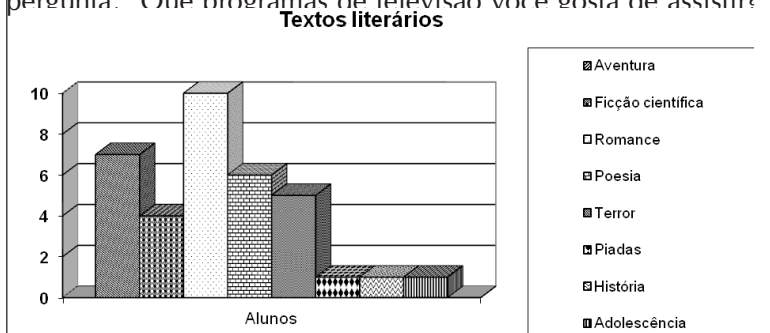


de estudantes, cada estagiário criou uma estratégia para coleta de dados, no que se refere às preferências da turma. Uma das alternativas foi solicitar que preenchessem um questionário, para que manifestassem seus gostos por músicas, filmes, livros e outros objetos artísticos ou não. Na coleta que utilizamos como base,



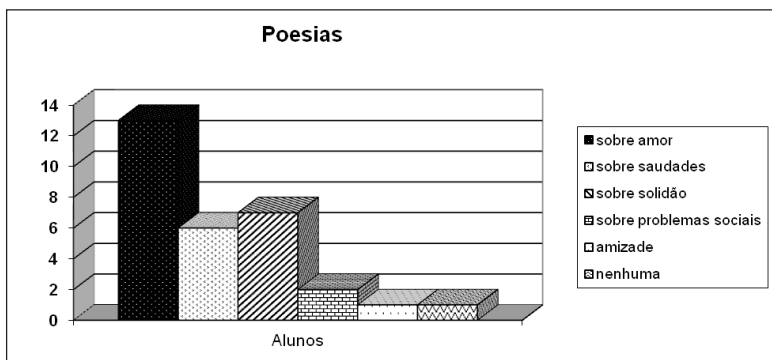
no total 19 alunos da turma estavam na aula naquele dia e responderam ao instrumento.

Nas questões objetivas, percebemos uma variedade de respostas, mas com alguns aspectos comuns. Na primeira pergunta: “Que programas de televisão você gosta de assistir?”



há respostas variadas, porém há ênfase em duas – novelas e filmes, ambos com nove indicações, o que sinaliza uma preferência por narrativas.

Em relação à música, expressa na pergunta número dois, também há duas preferências marcantes, o *rock* e o *hip hop*, com 9 e 10 votos, respectivamente.



A leitura, embora aconteça, é de textos não literários, como de revistas e jornais. Quando questionados sobre o que gostavam de ler, 10 alunos optaram por livros, enquanto 13 e 14, respectivamente, optaram por jornais e revistas. Textos publicados na internet vêm em quarto lugar, sugerindo que o computador ainda é um suporte pouco usado para a leitura nesse grupo de estudantes.

Quando indagados sobre o texto literário – “ao escolher um livro na biblioteca, você opta por” – a maioria da turma destacou o romance (10 alunos) e a aventura (7).

Em relação à poesia, teve destaque o tema *amor*, com 13 marcações, provavelmente pela ideia criada de que poesia deve estar ligada necessariamente a temas amorosos e, também, pelo repertório muito reduzido de textos poéticos que a escola oferece. A questão estrutural da poesia e a indicação de escritores não foi um ponto destacado pelo grupo.

Nas questões argumentativas, percebemos uma maior homogeneidade em relação às respostas dadas. Sobre a questão “é importante estudar literatura e por quê”, grande parte da turma respondeu que sim, talvez querendo agradar o entrevistador. Os argumentos mais utilizados para justificar a importância foram: para conhecer melhor os autores e sua vida, para conhecer textos antigos, para saber mais sobre a cultura e para fazer o vestibular. Essas posturas reforçam que a literatura na escola é estudada a partir dos períodos literários e não da leitura e do estudo do texto artístico. Os alunos veem a aula de Literatura como uma possibilidade de conhecer mais sobre alguém ou um assunto, e não como uma chance de vivenciar momentos de prazer e de descoberta do mundo e de si por meio da leitura literária.

A realidade apresentada nas turmas de Ensino Médio, ligadas a escolas estaduais, tende a se assemelhar. Não há peculiaridades nas outras turmas em que foram realizadas práticas de ensino que precisam ser destacadas. Desse modo, como já salientamos, apresentamos o panorama de apenas uma turma. A seguir, entramos no objetivo maior deste livro, ou seja, a apresentação das propostas elaboradas e aplicadas por acadêmicos do curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. *Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. *Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CNE. Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica. *Resolução 2, de 30 de janeiro de 2012*. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Dos livros

*Não percas nunca, pelo vão saber,
A fonte viva da sabedoria.
Por mais que estudes, que te adiantaria,
Se a teu amigo tu não sabes ler?*

MARIO QUINTANA

Estudando o Quinhentismo e o Barroco...

*Leite, leitura
letras, literatura,
tudo o que passa,
tudo o que dura
tudo o que duramente passa
tudo o que passageiramente dura
tudo, tudo, tudo
não passa de caricatura
de você, minha amargura
de ver que viver não tem cura.*

PAULO LEMINSKI

Proposta 1

Geneviève Faé propôs um estudo acerca do Barroco com uma turma de 1º ano do Ensino Médio, em uma escola pública localizada no Município de Caxias do Sul. Antes de iniciar o planejamento, aplicou aos estudantes um questionário, a fim de analisar as necessidades dos alunos. Na sequência, construiu o planejamento de 8 horas-aula, com base nos conteúdos do programa de ensino da Escola Estadual Técnica de Caxias do Sul. A reflexão sobre a literatura em sala de aula, sob a perspectiva do letramento, guiou todo o processo desenvolvido antes da prática vivenciada na escola.

A meta principal da proposta de ensino foi o estudo de textos pertencentes ao Quinhentismo e ao Barroco brasileiros, a fim de instrumentalizar os alunos para a fruição do texto literário, desfrutando do conhecimento de si, de mundo e do outro que a Literatura pode proporcionar.

Nessa proposta de estudo, será apresentada a primeira parte da unidade em que foram enfatizados textos relacionados ao Quinhentismo no Brasil, como a Carta de Pero Vaz de Caminha e uma poesia do Padre José de Anchieta, e também atividades para a compreensão de figuras de linguagem na poesia e no cotidiano.

O material de estudo foi organizado a partir das cinco etapas do método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988).

1º momento (40 min):

Iniciar os estudos de Literatura, enfatizando que ela propicia conhecimento de mundo, do outro e de si mesmo. Dessa maneira, serão estudados textos significativos do Quinhentismo e do Barroco brasileiros. Comentar a função didática da periodização da Literatura brasileira, bem como a importância de ter contato com esses textos que iniciaram nossa literatura; solicitar aos alunos que tragam dicionário em todas as aulas de Língua Portuguesa e Literatura.⁶

Atividade introdutória à recepção do texto

Como atividade introdutória à recepção do texto literário, formar cinco grupos e distribuir para cada um uma imagem referente ao Descobrimento do Brasil; solicitar aos grupos que discutam sobre a imagem recebida,⁷ apresentando posteriormente aos colegas a leitura de imagens relacionadas ao período. Dessa forma, é possível ativar os conhecimentos anteriores do grupo, para que haja um melhor entendimento do contexto histórico da Carta de Pero Vaz de Caminha, texto a ser trabalhado a seguir.

2º momento (40 min):

Leitura compreensiva e interpretativa

Ainda em grupos, solicitar a leitura individual de trechos significativos da *Carta de Caminha*, que acompanham comentários para facilitar o entendimento; explicar que é um dos principais documentos da História do Brasil (nossa “Certidão

⁶ Infelizmente, constatamos que os alunos de Ensino Médio não consultam dicionário em caso de dúvida quanto ao vocabulário. Pensamos que essa situação precisa ser discutida e modificada.

⁷ As imagens a serem analisadas retratam a chegada dos portugueses ao Brasil e a catequização dos índios.

de Nascimento”), representando o primeiro contato dos europeus com os nativos da terra descoberta; comentar sua

1	Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil
2	<i>“Posto que o Capitão-mor desta frota e os outros capitães escrevam a vossa Alteza dando</i>
3	<i>notícia do achamento desta vossa nova terra, que nesta navegação agora se achou, não</i>
4	<i>deixarei também de dar conta disso a Vossa Alteza da melhor maneira que puder, ainda que</i>
5	<i>para o bem contar e falar, o saiba fazer pior que todos. Tome Vossa Alteza, porém, minha</i>
6	<i>ignorância por boa vontade, e tenha certeza que não porei aqui, seja para embelezar ou enfeitar,</i>
7	<i>mais do que aquilo que vi e me pareceu.”</i>
8	(Sobre os índios)
9	<i>“A feição deles é parda, um tanto avermelhada, com bons rostos e bons narizes, bem-feitos.</i>
10	<i>Andam nus, sem nenhuma cobertura. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas</i>
11	<i>vergonhas, e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam o lábio de</i>
12	<i>baixo furado e metido nele seus ossos [...] agudos na ponta como furador. [...] Os seus cabelos</i>
13	<i>são lisos. E andavam tosquidados [...] e rapados até por cima das orelhas [...].”</i>
14	(Caminha, como os outros, ficou maravilhado com a inocência, ingenuidade e beleza dos índios,
15	que se mostraram bastante docéis desde o início.)
16	(O contato a bordo)
17	<i>“Afonso Lopes, nosso piloto, estava em um daqueles navios pequenos. [...] Tomou dois daqueles</i>
18	<i>homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam em uma espécie de jangada. Já de</i>
19	<i>noite, Afonso Lopes trouxe-os ao Capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e</i>
20	<i> festa. [...] Quando eles vieram, o Capitão estava sentado em uma cadeira, bem-vestido, com um</i>
21	<i>colar de ouro muito grande no pescoço, e tendo aos pés um grande tapete como estrado. [...]</i>
22	<i>Um deles, porém, reparou no colar do Capitão e começou a acenar para a terra e depois para o</i>
23	<i>colar, como se nos quisessem dizer que na terra também havia ouro. [...] Nós assim</i>
24	<i>interpretávamos os seus gestos, porque assim o desejávamos [...].”</i>
25	(Durante muitos anos, Portugal desprezou o Brasil por considerar que as novas terras não tinham
26	minérios de valor, como ouro, prata e ferro, em seu subsolo, se contentando em pilhar o pau-
27	<u>brasil</u> , madeira valiosa na Europa. Por um bom tempo, o Brasil serviu apenas como rota e porto
28	seguro para as Índias. Hoje sabemos que isso não é verdade, e que o país possui algumas das
29	maiores reservas minerais do mundo!)
30	(O palhaço Diogo Dias)
31	<i>“Do outro lado do rio, andavam muitos deles, dançando e folgando, uns diante dos outros, sem</i>
32	<i>se tomarem pelas mãos. [...] Dirigiu-se, então, para lá, Diogo Dias, homem gracioso e de</i>
33	<i>prazer. Levou consigo um gaiteiro e sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas</i>
34	<i>mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de</i>
35	<i>dançarem, fez-lhes ali, andando no chão, muitas piruetas e salto mortal, de que eles se</i>
36	<i>espantavam e riam muito. Mas como Diogo Dias tocasse neles e os segurasse com essas</i>
37	<i>brincadeiras, logo se tornaram esquívos como animais monteses [...].”</i>
38	(Apesar de “mansos”, os índios evitavam o contato físico com os portugueses. Demonstravam
39	dessa forma não ser tão ingênuos, assim como o fato de não deixarem os portugueses dormirem
40	na aldeia.)
41	(Gente inocente)
42	<i>“Parecem-me gente de tal inocência que, se nós os entendêssemos, e eles a nós, seriam logo</i>
43	<i> cristãos, porque parecem não ter nenhuma crença. E portanto, se os degradados que aqui hão</i>
44	<i>de ficar aprenderem bem sua fala e os entenderem, não duvido que eles [...] hão de se tornar</i>
45	<i> cristãos em nossa santa fé. Portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja fazer crescer a santa fé</i>
46	<i> católica, deve cuidar da salvação deles. [...] Eles não lavram, nem criam. Nem há aqui boi,</i>
47	<i> vaca, cabra, ovelha, galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado a conviver com o</i>
48	<i> homem. [...] Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, de</i>
49	<i> maneira que são muito mais nossos amigos do que nós seus [...].”</i>

50	(Aqui, Caminha se refere à docilidade dos índios, o que poderia facilitar a catequização pelos
51	missionários católicos. É interessante notar a sinceridade do relato neste último trecho, em que
52	Caminha reconhece por ce as “segundas intenções” dos portugueses diante da alegria desinteressada dos
53	índios.)
54	(Uma terra rica)
55	<i>“Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro;</i>
56	<i>nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, frios e temperados [...]. As águas são muitas,</i>
57	<i>infundas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-se aproveitá-la, dar-se-á nela tudo por causa das</i>
58	<i>águas que tem. Mas o maior fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar essa gente. E esta</i>
59	<i>deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.”</i>
60	(Caminha não poderia imaginar o tamanho das riquezas da nova terra descoberta. Imaginem se tivesse
61	visto o rio Amazonas em toda a sua imensidão... ou se soubesse que o Brasil, ainda hoje, possui a
62	maior extensão de terras cultiváveis do mundo!)

classificação como literatura informativa, que reflete a visão dos europeus acerca do Brasil; solicitar ainda que entreguem as questões relativas ao texto respondidas (fazer em grupo); pedir que os alunos pesquisem em manuais de História do Brasil referências sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, para a aula seguinte.

Responda às seguintes questões:

- Observe as palavras “esquivos” e “degradados”, que estão destacadas no texto. O que elas revelam sobre o comportamento dos índios?
- Qual é o efeito do emprego da expressão “Vossa Alteza” em alguns trechos da carta?
- Que costumes do nativo brasileiro chamam a atenção de Caminha? Por quê?
- Nos fragmentos apresentados, há indícios da preocupação portuguesa com a exploração material da nova terra?
- Os navegadores portugueses eram homens experientes ao abordar povos de outra língua e cultura. Cite passagens do texto que mostrem as diferentes táticas usadas por eles para se aproximar dos indígenas e ganhar-lhes a confiança.
- Alguns historiadores afirmam que a tendência que houve no século XVI de se considerar o Brasil uma terra de incrível beleza e fertilidade, habitada por gente pura e bonita, como se aqui fosse o “paraíso terrestre”, teve suas primeiras manifestações na carta de Caminha. A leitura do texto sustenta essa afirmação?
- Destacar os fatos citados por Caminha que justifiquem seu otimismo quanto à facilidade da conversão dos indígenas à fé católica. Explicar se essa conversão de fato ocorreu ao longo da História do Brasil.
- Na sua opinião, os índios descritos por Pero Vaz de Caminha precisavam de salvação?
- Passados quase cinco séculos, como você vê o índio brasileiro?

- **Pesquisa:** procure em manuais de História do Brasil referências sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Anote os dados no seu caderno e apresente para a turma na próxima aula.

1	3º momento (40 min):
2	<i>Gênesis</i>
3	Apresentar a literatura pedagógica dos jesuítas,
4	principalmente de Padre José de Anchieta, cujo objetivo maior
5	era a catequização dos índios. Essa aula representa a continuação
6	da anterior. Ler em voz alta para os alunos o poema “Gênesis”,
7	de Padre José de Anchieta.
8	<i>Elle se tornou o primeiro indiano que a fruta.</i>
9	<i>Por causa da esposa,</i>
10	<i>antes de sermos mortais.</i>
11	<i>A todos com suas presas,</i>
12	<i>o diabo nos apanhou,</i>
13	<i>pelos seus maus principios,</i>
14	<i>abrsa todos os homens</i>
15	<i>com continuas folganças.</i>
16	<i>De Santa Maria</i>
17	<i>o mal não se aproximou.</i>
18	<i>Em sua Santidade,</i>
19	<i>o demônio calcando,</i>
20	<i>faz fugir o mal.</i>
21	<i>Ela esmaga a cabeça do maldito,</i>
22	<i>é muito forte.</i>
23	<i>Alegre nossa alma</i>
24	<i>a virtude do Senhor,</i>
25	<i>que afasta o amor do diabo.</i>
26	ANCHIETA, José. <i>Poesias</i> . Trad. de M. de L. de Paula Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
27	p. 654-655.

Após a leitura, propor as seguintes questões para a turma resolver em grupos. Realizada essa etapa da atividade, discutir as respostas apresentadas.

1. Esse poema constitui uma releitura de uma passagem bíblica do livro do Gênesis. Do que se trata? Você já conhecia essa passagem?
2. O que poderia representar Eva, o marido, a fruta e a cobra?
3. Como podemos entender o “cobiçou” muito a bela fruta, no segundo verso?
4. O que significa “induzir” alguém a fazer alguma coisa, como vemos no sétimo verso?
5. Quem “esmaga a cabeça do maldito” (última estrofe)?
6. O que os índios pensaram ao saber que já nasceram com o pecado?
7. O que o poema indiretamente “sugere” que se faça para afastar o mal?

4º momento (40 min):

⁸ De acordo com o objetivo da aula, serão trabalhadas as seguintes figuras de linguagem: comparação, ironia, metáfora, personificação, hipérbole, antítese, paradoxo, ironia e aliteração.

<p>Iniciar o estudo das figuras de linguagem, que são de extrema importância para a construção de significado do texto literário. Entregar aos alunos a tabela que segue; colocar no quadro o nome das figuras⁸ em questão, explicando cada uma e solicitando que os alunos procurem o exemplo que contém a figura abordada; solicitar que elenquem, em grupos, exemplos não literários, partindo de suas experiências como falantes de língua portuguesa, para a construção de um quadro de figuras de linguagem na aula seguinte; organizar um grupo para cada uma das figuras (8).</p>	
<p>Figuras de linguagem</p>	<p>Exemplos</p>
	<p>“Eu faço versos como quem chora De desalento... de desencanto...” (Manuel Bandeira)</p>
	<p>“A sombra das roças é macia e doce, é como uma carícia.” (Jorge Amado) “Meu coração é um balde despejado.” (Fernando Pessoa)</p>
	<p>“O tempo passou na janela e só Carolina não viu.” (Chico Buarque)</p>
	<p>“Chorei bilhões de vezes com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos.” (Augusto dos Anjos)</p>
	<p>“Rios te correrão dos olhos, se chorares.” (Olavo Bilac)</p>

	<p>“Tudo que é bom faz mal e bem.” (Guimarães Rosa)</p> <p>“[Amor]... é ferida que dói e não se sente é um contentamento descontente é dor que desatina sem doer.”</p>
	<p>(Camões)</p>

“Moça linda bem tratada três séculos de família, burra como uma porta: um amor.”

(Mário de Andrade)

“Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando.”

(Guimarães Rosa)

5º momento (40 min):

Construir o painel de cada figura de linguagem, com o nome e os exemplos não literários que o grupo conseguiu.⁹

Transferência e aplicação ou ampliação da leitura

Solicitar aos alunos que observem em suas leituras cotidianas (jornais, revistas, internet) a presença das figuras de linguagem estudadas. Para a aula seguinte, com os textos encontrados, propor a seguinte reflexão: que efeitos geram as figuras nesses textos? É o mesmo efeito resultante quando empregadas em textos

⁹ Auxiliar os alunos a perceberem que utilizamos em nosso cotidiano figuras de linguagem e questionar sobre o efeito de sentido que buscamos com esse emprego. Exemplificar, mostrando, por exemplo, que construímos uma metáfora quando chamamos alguma moça de “flor”, uma hipérbole quando repreendemos alguém (“eu já te disse isso milhões de vezes”) ou até mesmo ironia (“bem, como chegaste cedo!”), comparação quando elogiamos (“ela se comporta como uma dama”), etc...

Proposta 2

literários? Por que o autor escolhe expressar-se por meio de uma figura como as que estudamos?

Referências

ANCHIETA, José. *Poesias*. Trad. de M. de L. de Paula Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. p. 654-655.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao Rei*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

*Ainda pensando sobre textos ligados à formação da Literatura brasileira, discorremos sobre outro roteiro de estudo dessa literatura, a partir de proposta elaborada e desenvolvida pela acadêmica de Letras e professora titular na Escola Estadual Província de Mendoza **Franciele das Graças Zarske**.*

Propiciar o contato com a literatura do início do século XVI até meados do século XVIII – período que compreende o Quinhentismo e o Barroco – foi a meta do planejamento da unidade aplicada no estágio de Literatura brasileira. A leitura de textos que constituem o patrimônio cultural do Brasil é orientada no sentido de possibilitar aos estudantes estabelecer relações entre o passado e o presente, não apenas no âmbito da História, mas também no da Literatura.

O estudo iniciou com a letra da música “Índios”, seguido da análise de fragmento da Carta de Achamento do Brasil, escrita por Caminha. Seguindo a cronologia

prevista no programa de conteúdos da escola, o próximo tópico a ser trabalhado é o Barroco. A professora iniciou a proposta a partir da análise de duas obras de artes plásticas, uma barroca e a outra não. Para conhecer o Movimento Literário, a professora-estagiária elegeu um poema religioso de Gregório de Matos, organizando o estudo a partir de proposta de organização de roteiros de leitura apresentada pela professora Juracy Saraiva (2001), cujas etapas são: antecipação de leitura, leitura compreensiva e interpretativa e transferência e aplicação de leitura. A seguir, são descritos os aspectos relacionados ao estudo desse poema de Gregório.

Motivação de leitura



Caravaggio, "Descida da cruz",
óleo s/ tela, 1608



Guilherme de Faria, "A descida da
cruz", óleo s/tela

• Introdução ao estudo do Barroco, mediante a análise de duas imagens: uma barroca e outra não. Projeção destas e dos seguintes questionamentos:

Atividade

Observe atentamente as imagens, analisando-as a partir do roteiro abaixo:

- O que as duas imagens estão representando?
- Qual o principal símbolo ali presente?
- Qual imagem chama mais a atenção? Por quê?
- Faça uma pequena descrição de ambas. Atente para formas, cores e expressões das personagens.
 - Socialização das análises.
 - Realização, pela professora, de um breve resumo (contendo as principais características e temáticas abordadas) do período no qual a imagem barroca foi produzida. O resumo terá a forma de um esquema como o que segue:

Esquema

Origem:

Barroco (1600-1700) → Nasceu da crise dos valores renascentistas:

homem x Deus
pecado x perdão
paganismo x religiosidade
material x espiritual ...

Principais características: Cultismo – linguagem rebuscada, culta, extravagante; valorização do pormenor mediante jogos de palavras.

Conceptismo – jogo de ideias,
seguindo um raciocínio lógico.

Linguagem → Metáforas

Antíteses

Hipérboles

1	A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR
2	Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
3	Da vossa alta clemência me despido;
4	Porque, quanto mais tenho delinqüido,
5	Vos tenho a perdoar mais empenhado.
6	Se basta a vos irar tanto pecado,
7	A abrandar-vos sobeja um só gemido:
8	Que a mesma culpa, que vos há ofendido
9	Vos tem para o perdão lisonjeado.
10	Se uma ovelha perdida, e já cobrada
11	Glória tal e prazer tão repentino
12	Vos deu, como afirmais na Sacra História,
13	Eu sou Senhor, a ovelha desgarrada,
14	Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
15	Perder na vossa ovelha, a vossa glória.
16	MATOS, Gregório de. A Jesus Cristo Nosso Senhor. In: WISNIK, José Miguel (Org.). <i>Poemas</i>
17	<i>escolhidos</i> . 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 297.

Hipérbatos

Textos → Sermões (Padre Antônio Vieira)

→ Sonetos (Gregório de Matos)



¹⁰ Destacamos Gregório de Matos. Por meio de alguns de seus sonetos, os alunos serão orientados a perceber características apontadas no esquema.

Poesia lírica – Poesia religiosa – Poesia satírica

Leitura compreensiva e interpretativa

- Apresentação do poema “A Jesus Cristo Nosso Senhor”.¹⁰ Leitura em voz alta pela professora. Reflexão sobre que relação, num primeiro momento, pode ser estabelecida entre o poema e a imagem barroca apresentados. (Tal reflexão deverá ser registrada no caderno em um parágrafo).
- Distribuição aos alunos de um roteiro para que realizem uma análise mais aprofundada do poema, assim como de uma parábola retirada da Bíblia, à qual Gregório de Matos faz referência. Análise do poema. Destacamos que as questões a seguir objetivam explorar habilidades de compreensão analítica e sintética.

1	PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA
2	Lucas 15,1 Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para ouvi-lo.
3	Lucas 15,2 E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.
4	
5	Lucas 15,3 Então, lhes propôs Jesus esta parábola:
6	Lucas 15,4 Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?
7	
8	Lucas 15,5 Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo.
9	Lucas 15,6 E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.
10	
11	Lucas 15,7 Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.
12	
	BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 1967.

* Grafia original da fonte pesquisada.

1. A palavra destacada no trecho *porque, quanto mais tenho delinqüido** (1ª estrofe) poderia ser substituída por outra de sentido semelhante. Qual?

2. *Sacra História* (3ª estrofe) é uma referência a que texto?

3. Qual o sentido da palavra *desgarrada* (4ª estrofe)?

4. Explique o sentido dos versos *Porque, quanto mais tenho delinqüido**, / *Vos tenho a perdoar mais empenhado*. (1ª estrofe)?

5. Na segunda estrofe há um exemplo de antítese que faz referência às ações do Senhor. Identifique-a.

6. Quando o eu-lírico fala em *mesma culpa* (2ª estrofe), ele se refere a duas situações. Quais são elas?

7. Nas duas últimas estrofes, um raciocínio é desenvolvido. Tal raciocínio é um excelente exemplo de conceptismo. Reescreva-o com suas palavras, tendo como alicerce a parábola transcrita abaixo.

Transferência e aplicação de leitura

Proposta 3

- Apontamos que as questões que seguem priorizam a habilidade de interpretação.

1. O poema “A Jesus Cristo Nosso Senhor” proporciona reflexão. Se esse poema fosse dito como um sermão nas igrejas, você acha que surtiria efeito? Por quê?
2. O conflito culpa x perdão ainda está presente na sociedade? Justifique.

Debate sobre o poema, com base no roteiro apresentado.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Lucas 15: ... São Paulo: Paulinas, 1967.

MATOS, Gregório de. A Jesus Cristo Nosso Senhor. In: WISNIK, José Miguel (Org.). *Poemas escolhidos*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 297.

*Pautada na crença de que os estudantes têm o direito a ler literatura, a professora-estagiária **Maraísa Mendes da Costa** organizou uma macrounidade que propusesse a leitura e discussão de textos do Barroco brasileiro, enfatizando Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira. A*

proposta, seguindo orientação metodológica de Juracy Saraiva (2001), almeja contribuir para que os estudantes leiam proficientemente textos literários, respeitando a sua natureza, em especial, sua literariedade.

O objetivo aqui não é apresentar um plano de ensino na sua totalidade; ao contrário, é mostrar uma forma de operacionalizar conteúdos que, em princípio, encontram dificuldade de ser apreendidos na escola. Para tornar a unidade coesa, a professora aproveita o tema das aulas de Língua Portuguesa – os problemas que o Brasil enfrenta e o posicionamento de cada cidadão – e lança uma questão que permeia as aulas de Literatura. A problematização gira em torno das inquietudes humanas, as quais já se apresentam em texto do Barroco, e estão presentes na atualidade. A reflexão busca discutir o que era expresso durante o Barroco, nas artes (plásticas e literatura, por exemplo) e se esses sentimentos e percepções continuam vivos hoje ou não.

A seguir, apresentamos o estudo de um trecho de um dos sermões do Padre Antônio Vieira.

Sermão da Sexagésima – Padre Antônio Vieira.

Para a operacionalização dessas atividades, são necessários dois períodos de aula.

A) Atividade introdutória à recepção do texto

- Discutir o significado da palavra SERMAO. O que ela pode sugerir? (Deixar que os alunos expressem o que eles acreditam que o termo significa, questioná-los sobre as intenções discursivas de quem profere um sermão – que objetivos o locutor quer alcançar?)

- Solicitar que eles escrevam no caderno o que acreditam que significa a palavra sermão. Então, dividi-los em grupos e entregar a cada um deles um dos significados do

dicionário, para que comparem com aquilo que escreveram. Fazer comentários orais sobre as semelhanças e diferenças entre os significados dos grupos.

Sermão – substantivo masculino 1
discurso religioso pronunciado no púlpito por um predicador, especialmente católico; prédica, pregação, pregação.

Sermão – substantivo masculino 2
discurso moralizador, geralmente longo e enfadonho.

Sermão – substantivo masculino 3
qualquer fala com o objetivo de convencer alguém de algo.

Sermão – substantivo masculino 4
admoestação em tom severo; repreensão, descompostura.

Sermão – substantivo masculino Etimologia lat. *sermo,ónis* modo de expressão, linguagem, linguagem familiar, palavras trocadas entre diversas pessoas, conversa, conversação literária, diálogo, discussão.

Fonte: Dicionário Houaiss, 2002, versão eletrônica.

- Apresentar Padre Antônio Vieira, falar brevemente do autor e das obras. Apontamos que dados sobre o autor podem ser trazidos, mas não são necessários

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA
PADRE ANTÔNIO VIEIRA
Pregado na Capela Real, em 1655.

4 **Semen est verbum Dei. S. Lucas, VIII, 11.**

5 I

6 E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da
7 pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que
8 todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

9 Diz Cristo que “saiu o pregador evangélico a semear” a palavra divina. Bem parece este texto
10 dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: porque no dia
11 da messe hão-nos de medir a semente e hão-nos de contar os passos [...]

12 III

13 Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da
14 parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por
15 meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina,
16 persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus
17 com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos,
18 espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e
19 olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há
20 mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-
21 se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário o espelho. O
22 pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o
23 homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas
24 por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por
25 qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por
26 parte de Deus?

27 Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no
28 Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o sementeiro, uma
29 parte se logrou e três se perderam. E porque se perderam estas três? – A primeira perdeu-se,
30 porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a
31 pisaram os homens e a comeram as aves [...] deixar de frutificar a semente da palavra de Deus,
32 nunca é por falta: do Céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de frutificar a sementeira, ou pelo
33 embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas
34 por falta das influências do Céu, isso nunca é nem pode ser. Sempre Deus está pronto da sua
35 parte, com o sol para aquecer e com a chuva para regar; com o sol para alumiar e com a chuva
36 para amolecer, se os nossos corações quiserem. Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e
37 aos maus; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não
38 há para que nos determos em mais prova.

39 Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que
40 ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa
41 aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus
42 muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes.
43 Provo.

44 Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus; se são
45 maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos
46 espinhos, nasceu, mas afogaram-no. O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se.
47 O trigo que caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação. De maneira que o
48 trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má terra, não frutificou, mas
49 nasceu; [...] Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus, são as pedras e os espinhos. E porquê?
50 – Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de
51 vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus
52 ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às
53 vezes também a picar a quem os não pica. O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o
54 picaram a ele; e o mesmo sucede cá. Cuidais que o sermão vos picou e vós, e não é assim; vós
55 sois os que picais o sermão. Por isto são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de
56 vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode ferir pelos mesmos

57	fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa
58	aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente
59	se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são piores que as
60	pedras! [...] E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem
61	os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e
62	apesar da dureza nasce nas pedras.
63	[...]
64	Antigamente convertia-se o Mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se
65	palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem
66	bala; atroam, mas não ferem. [...] Por isso Cristo comparou o pregador ao sementeiro. O pregar que é
67	falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam
68	palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus
69	frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras? -
70	- Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. [...] A razão disto é porque as
71	palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e
72	a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos [...]
73	[...]
74	Sementeiros do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos semeadores: não que os homens
75	saíam contentes de nós, senão que saíam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os
76	nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus pasatempos, as
77	suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se
78	embora de nós.
79	Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na
80	Igreja, e em que ela se ama contra os vícios. Puguemos e armemo-nos todos contra os pecados,
81	contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as
82	sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda
83	há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em
84	estado de reverdecer e dar muito fruto.
85	VIEIRA, Antônio. Sermão da sexagésima. In: _____, <i>Os melhores sermões</i> : Pe. Antônio Vieira.
86	Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 11-65.

aprofundamentos, pois o foco da proposta é a leitura do texto literário e não a vida do autor.

Padre Antônio Vieira

Antônio Vieira (1608-1697) é a principal expressão do Barroco em Portugal, e sua obra pertence tanto à literatura portuguesa quanto à brasileira.

Nasceu em Portugal, mas veio ainda com 7 anos para o Brasil. Na Bahia, estudou com os jesuítas e espontaneamente ingressou na ordem da Companhia de Jesus. A maior parte de sua obra foi escrita no Brasil e está relacionada às diversas atividades que o autor desempenhou: religioso, conselheiro de D. João IV, rei

¹¹ A parte inicial do estudo prioriza o vocabulário, uma vez que há muitos termos que estão em desuso. Tais atividades abrangem habilidades de compreensão analítica e sintética.

de Portugal, mediador e representante de Portugal em relações econômicas e políticas com outros países.

B) Leitura compreensiva e interpretativa

- Entregar aos alunos um fragmento do *Sermão da Sexagésima* e solicitar que façam a leitura silenciosa.

Atividades:

- 1) Observar as palavras cujos significados estão listados a seguir;¹¹ retomar o texto à luz dos significados dos termos elencados e de outros vocábulos desconhecidos.

Menção – substantivo feminino

1 ato ou efeito de mencionar, citar, nomear, assinalar

2 alusão, referência (a alguém ou algo); citação

Ex.: < todos os jornais fizeram m. às trágicas circunstâncias do acidente > < não houve sequer uma m., no discurso, ao benfeitor da obra >

3 registro, nota

Ex.: uma obra digna de m.

4 atitude, gesto, meneio que indica a disposição, a intenção de realizar algo

Messe – substantivo feminino

1 seara pronta para a ceifa

2 conjunto de produtos agrícolas colhidos em determinado período; colheita, safra

Ex.: uma farta m. de batatas

3 Derivação: sentido figurado

aquilo que se colhe, que se obtém; ganho, conquista

Ex.: rica m. de vitórias

4 *Derivação: sentido figurado. Rubrica: religião
conversão de almas*

Mister –

haver de m. ou haver m. (de)

haver necessidade de, ser preciso, precisar, carecer de

Obs.: ver gram a seguir

*Ex.: <hei de m. muitas rendas para manter esta casa>
<há m. de muitas rendas para assim se viver> <hás de
m. reconsiderar já a tua decisão>*

Proposição – *substantivo feminino*

ato ou efeito de propor

Ex.: votar uma p.

1 *coisa que se propõe; proposta, sugestão*

Ex.: as p. foram examinadas e discutidas

2 *Rubrica: lógica*

*na lógica tradicional de matriz aristotélica, expressão
linguística de uma operação mental (o juízo), composta
de sujeito, verbo (sempre redutível ao verbo ser) e
atributo, e passível de ser verdadeira ou falsa; enunciado*

3 *Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: lógica
m.q. **juízo** ('constructo lógico e linguístico')*

4 *Rubrica: lógica*

*na lógica moderna, enunciado traduzível em símbolos
matemáticos, passível de múltiplos valores de verdade
(verdadeiro, falso, indeterminado, etc.) e redutível a dois
elementos básicos (o sujeito e o predicado)*

Concílio – *substantivo masculino*

1 *Rubrica: termo eclesiástico*

reunião de dignitários eclesiásticos, esp. bispos, presidida ou sancionada pelo papa, para deliberar sobre questões de fé, costumes, doutrina ou disciplina eclesiástica

2 *Derivação: por extensão de sentido*

conselho, assembleia, reunião

Ex.: o c. dos discípulos de Buda em Rajagriha

3 *Derivação: por metonímia*

conjunto de atas, deliberações, cânones de concílio (tb. us. no pl.)

4 *Rubrica: termo eclesiástico. Diacronismo: antigo território separado de uma diocese*

4.1 *jurisdição desse território*

Sutilezas – substantivo feminino

qualidade ou caráter do que é sutil

1 *extrema delicadeza; tenuidade, finura, delgadeza*

Ex.: s. de fio de seda

2 *agudeza de inteligência, de espírito*

Ex.: é um filósofo de uma s. incomparável

3 *raciocínio ou argumento de grande finura e complexidade*

Ex.: <as s. de certas doutrinas> <todos elogiaram a s. de conceitos da sua tese>

4 *dito ou argumento que embaraça ou diverte, pelo caráter inesperado e inteligente, sem ser agressivo*

Ex.: os divertimentos de salão no século XVIII tinham muitos jogos de espírito e sutilezas

5 *afirmação ou argumento de difícil entendimento para quem não está acostumado com o assunto ou com esse tipo de raciocínio*

Ex.: a lógica escolástica é plena de sutilezas

6 *maneira suave de ser; brandura, delicadeza*

Ex.: a s. de seus gestos

7 *capacidade de detectar situações delicadas e difíceis e de agir de maneira adequada frente a elas*

Ex.: o embaixador agiu com s. para contornar a crise

8 *detalhe quase imperceptível; particularidade, minúcia, finura*

Ex.: é preciso ler a sua poesia algumas vezes para captar as suas s.

9 *qualidade do que se faz sem alarde, discretamente; discrição*

Ex.: a s. de sua elegância

10 *caráter do que apenas se insinua, despertando a curiosidade; mistério, insinuação, enigma*

Ex.: a s. do sorriso da Mona Lisa

Galantarias – galantear: verbo

transitivo direto e intransitivo

1 *cercar de atenções e amabilidades, cortejar; dizer galanteios; namorar*

Ex.: <ele galanteia indiscriminadamente todas as mulheres> <é um mestre na arte de g.>

transitivo direto

2 *colocar adornos; ornar, enfeitar*

Ex.: galanteia a filha com fitas e bordados

Atroam – verbo

transitivo direto

1 *fazer retumbar ou estremecer por efeito de estrondo*

Ex.: as explosões atroaram a cidade

intransitivo

2 *fazer grande estrondo*

Ex.: os canhões atroavam ao longe
intransitivo

2.1 soar, ribombar (diz-se de trovão)
transitivo direto

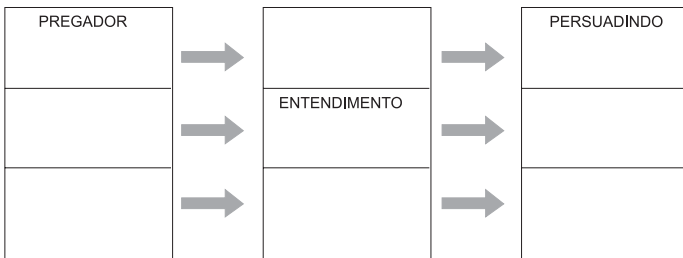
3 Derivação: sentido figurado.
atundir com barulho; ensurdecer

Ex.: atroou os presentes com seu vozeirão estentoroso

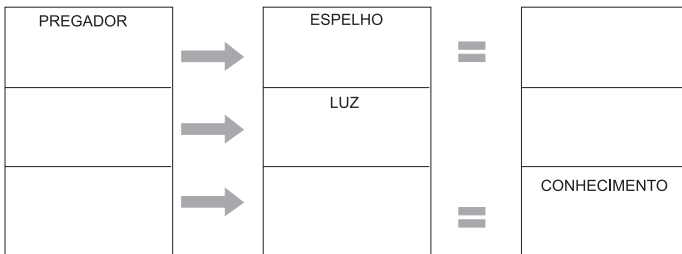
Reverdecer – verbo

transitivo direto e intransitivo

1 tornar verde (a vegetação); cobrir-se de verde



→ A conversão é um olhar para si mesmo. Para isso é necessário que:



Ex.: < a primavera reverdeceu os campos > < o vale reverdeceu >

transitivo direto e intransitivo

2 Derivação: por metáfora

dar nova força ou vigor (a); rejuvenescer(-se), revitalizar(-se)

Ex.: < as férias reverdeceram-no > < o doente reverdecia com o tratamento >

intransitivo

2.1 Derivação: por metáfora

tomar ou ganhar novo impulso, nova força; renascer

Ex.: *bastou vê-lo para que o amor reverdecesse*

transitivo direto

3 trazer à lembrança; relembra, recordar

Ex.: *r. o passado*

2) O que significa dizer que a “palavra de Deus faz pouco fruto”?

3) O sermão é constituído a partir de um jogo de ideias, em que o locutor tenta convencer o ouvinte. Com base nesse jogo, complete os quadros com as ideias que faltam.

a) Para uma alma se converter a partir do sermão são necessários:

4) A maneira como o autor escreve é acessível ou é mais formal e rebuscada? Por quê?

5) Esse jogo de ideias, percebido durante a leitura do texto, é retomado no exercício número 3, o qual reflete alguma característica do Barroco? Qual é essa característica?

(Observar que, na aula anterior, os alunos haviam trabalhado com as características mais marcantes na linguagem do período Barroco. Essa atividade pretende retomar a questão do conceptismo, refletindo sobre o

jogo de ideias, que é utilizado, principalmente, nos sermões.)

6) Por que, segundo o autor, Deus não pode ser culpado por não acontecerem as conversões?

7) Para Vieira, os ouvintes são maus ou são bons. Quando são bons, a semente faz frutos e, quando são maus, o que acontece? Por quê?

8) O autor diz que a conversão deve acontecer com palavras e obras. Por que esses dois aspectos precisam estar unidos? Justifique com trechos do texto.

9) Jesus, nas suas pregações, utilizava parábolas para que seus interlocutores entendessem melhor a sua mensagem. A qual dessas parábolas está se referindo o autor nesse texto?

10) O Barroco é um período que expõe as contradições humanas. Os textos refletem sentimentos diversos, em alguns, a vontade de gozar a vida, de saciar os desejos humanos; em outros, a busca incansável pela salvação e pela libertação dos pecados e das armadilhas do mundo. No último parágrafo do sermão, o autor fala do período da Quaresma, momento de reflexão, de armar-se contra o pecado. Qual a relação que se pode estabelecer entre esse parágrafo e as propostas do Barroco? Qual a proposta apresentada para que as pessoas se livrem do pecado? Como essa ideia caracteriza um dos aspectos desse período? Pense na proposta do Barroco, nas ideias que dominavam a época e escreva um parágrafo, relacionando essas posições ao último parágrafo do

¹² Essa tarefa inicia a reflexão para o fechamento da unidade. A questão que será discutida é: quais as inquietudes humanas que percebemos no Barroco? Elas continuam vivas hoje ou não?

¹³ Para essa atividade são necessários dois períodos. No primeiro, fazemos uma retomada dos textos estudados, pensando o que eles refletem sobre as questões humanas. Em seguida, buscamos quais inquietações fazem parte da vida moderna; o que nós tentamos responder, o que nos incomoda hoje? São essas reflexões que ajudarão a relacionar a temática do Barroco à atualidade.

sermão. (pensar nas questões que envolvem a temática do período, as características,...)

- Fazer a socialização das respostas com a turma.

Tarefa de casa¹²

- Selecionar materiais (textos, imagens, letras de músicas) que reflitam as temáticas estudadas no Barroco (O que o ser humano buscava no período Barroco?), assim como que representem as angústias ou respostas da atualidade.

C) Transferência¹³

- Observamos, ao longo de nossas aulas, que o Barroco é marcado pela contradição. Temas opostos são frequentemente aproximados, como a vida e a morte, a

Proposta 4

alegria e o sofrimento. O *Carpe Diem* também faz parte das temáticas do Barroco, pois o ser humano tem consciência da sua efemeridade, e luta entre a vontade de gozar a vida e a necessidade de buscar a salvação. Contudo, será que essas contradições são marcas apenas do Barroco? Na atualidade, também vivemos divididos? Temos inquietações como nos tempos do Barroco? Procuramos respostas para a nossa vida?

- Pensando nessas questões, produzir uma montagem, com imagens e fragmentos de textos, em que apareça quais eram as buscas e inquietações dos seres humanos no período Barroco e também quais as reflexões da atualidade – como essas inquietações, esses sentimentos contraditórios e diversos, essa busca por respostas continua hoje? Essa atividade pode ser feita em grupo. Após a confecção, os painéis serão apresentados, momento em que cada grupo falará sobre suas conclusões.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 1967.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002. CD-ROM.

VIEIRA, Antônio. Sermão da sexagésima. In: _____. *Os melhores sermões*: Pe. Antônio Vieira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 11-65.

*A partir de conceitos como sonoridade, soneto, antítese, **Taciana Zanolla** organizou e aplicou uma unidade de ensino sobre o Barroco, seguindo princípios metodológicos propostos por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988). A realização ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio João Triches. O objetivo geral da proposta era “estimular o gosto pela poesia e pela literatura que trata de problemas sociais, através da leitura compreensiva e interpretativa de textos barrocos – poemas de Gregório de Matos e sermões de Padre Antônio Vieira.”*

OPERACIONALIZAÇÃO

A) Determinação do horizonte de expectativas

O diagnóstico dos interesses da turma foi realizado mediante aplicação do questionário a seguir:

Questões

Nas questões objetivas, você pode assinalar mais de uma alternativa.

1) O que você faz nas horas vagas? Como se distrai?

2) A que programas de televisão você gosta de assistir?

3) De qual tipo de música você gosta?

() clássica

- () pagode
- () rap
- () MPB
- () sertaneja
- () gaúcha
- () rock
- () samba
- () hip hop
- () outros. Especifique: _____

4) Escreva o nome de grupos ou cantores(as) que você gosta de ouvir.

5) Você gosta de filmes de:

- () ação
- () comédia
- () aventura
- () romance
- () terror
- () suspense

6) O que você lê?

- () livros
- () jornais
- () revistas
- () textos na internet
- () outros. Especifique: _____

7) Se você lê jornais ou revistas, especifique o jornal e/ou a revista que você lê com mais frequência.

8) Sobre quais desses assuntos você gosta de ler?

() música

() namoro

() notícias sobre a cidade ou o país

() notícias sobre pessoas famosas

() carros

() tecnologia (internet, jogos...)

() moda

() outros. Especifique: _____

9) Se você fosse solicitado a fazer uma pesquisa, qual desses temas escolheria?

() Corrupção no Brasil: como resolver?

() Violência urbana: como solucionar?

() Ficar ou namorar?

() Aquecimento global: de quem é a culpa?

() Escolha da profissão, um difícil dilema.

() O que fazer diante das drogas?

() Outro. Especifique: _____

10) Se você fosse ler um livro, quais, dentre os títulos abaixo, você escolheria?

() Amor eterno (romance)

() O assassinato perfeito (mistério)

() Blinky, o aprendiz de feiticeiro (aventura)

() Enterrada viva (terror)

() As trapalhadas de um morto-vivo (comédia)

11) Você gosta de poesia? () Sim () Não

Se a resposta for "sim", de qual tipo você gosta?

() poesia sobre amor

- () *poesia sobre saudades*
- () *poesia sobre solidão*
- () *poesia sobre problemas sociais*
- () *Outra. Especifique:* _____

12) *Quais foram os melhores livros ou textos que você leu?*

13) *Qual(is) desses meios você utiliza para tirar dúvidas, ler e fazer pesquisas?*

- () *biblioteca da escola*
 - () *outras bibliotecas (municipal, Sesc...)*
 - () *leitura de livros, jornais e revistas, em casa*
 - () *internet*
 - () *Outro. Especifique:*
-

Como se pode observar, o instrumento investiga o interesse dos alunos pela leitura, suas atividades de lazer, gostos musicais, gêneros de filmes preferidos, hábitos de leitura (gêneros e suportes mais lidos). Dos trinta e um alunos da turma, dezoito responderam ao questionário. De acordo com a professora que o aplicou, alguns alunos não tiveram tempo de respondê-lo, pois estavam em prova. Entretanto, como os questionários restantes foram entregues apenas quando o planejamento já havia sido realizado, foi considerada para a determinação do horizonte de expectativas dos alunos apenas a amostra inicial.

De acordo com as respostas dos adolescentes, a leitura não é realizada como atividade de lazer, como hábito ou gosto, mas como meio para realizar outras tarefas. Isso porque, entre os dezoito respondentes, apenas um citou a leitura como atividade realizada nas horas vagas. Alguns dos demais, no entanto, usam a leitura ao navegar pela internet. Sabe-se que,

nesse caso, embora a leitura esteja implicada, o texto literário não se faz presente. Dessa forma, observou-se que a leitura de literatura não era familiar aos alunos.

A partir dessa constatação, buscaram-se os interesses dos adolescentes, a fim de iniciar um trabalho com a obra literária a partir de seu horizonte de expectativas. Para isso, consideraram-se principalmente as respostas dos alunos aos itens 5, relacionado a filmes, e 10, relacionado a livros, que indicam a preferência por mistério, suspense e comédia. Também observou-se que a narrativa é o gênero literário mais lido pelos alunos, cuja maioria afirma não gostar de poesia. Entre os que leem poemas, a preferência recai sobre poesia amorosa. Além disso, as respostas sinalizam o gosto por pagode e *rock* e o interesse por temas atuais, como corrupção no Brasil e aquecimento global.

De posse desses dados, optou-se por iniciar o trabalho com uma música – *A melhor banda de todos os tempos da última semana*, da banda Titãs – que, além de ser *rock*, apresenta forte crítica social. Após atender ao horizonte de expectativas dos alunos, a unidade foi planejada enfocando textos literários de forte cunho crítico, mantendo o diálogo com os interesses dos alunos. Entretanto, para romper e ampliar seu repertório de leituras, priorizaram-se poemas no desenvolvimento da unidade.

B) Atendimento do horizonte de expectativas (1 aula)

1ª AULA

- Atividade introdutória à recepção do texto

Ouvir a música *A melhor banda de todos os tempos da última semana* (Titãs).

Quinze minutos de fama
Mas um pros comerciais
Quinze minutos de fama
Depois descanse em paz

O gênio da última hora
É o idiota do ano seguinte
O último novo-rico
É o mais novo pedinte

A melhor banda de todos os tempos da última semana
O melhor disco brasileiro de música americana
O melhor disco dos últimos anos de sucessos do passado
O maior sucesso de todos os tempos entre os dez
maiores
fracassos
Não importa contradição
O que importa é televisão
Dizem que não há nada que você não se acostume
Cala a boca e aumenta o volume então

As músicas mais pedidas
Os discos que vendem mais
As novidades antigas
Nas páginas dos jornais

Um idiota em inglês
Se é um idiota, é bem menos que nós
Um idiota em inglês
É bem melhor do que eu e vocês

A melhor banda de todos os tempos da última semana

O melhor disco brasileiro de música americana

O melhor disco dos últimos anos de sucessos do
passado

O maior sucesso de todos os tempos entre os dez

maiores fracassos

Não importa contradição

O que importa é televisão

Dizem que não há nada que você não se acostume

Cala a boca e aumenta o volume então

Os bons meninos de hoje

Eram os rebeldes da outra estação

O ilustre desconhecido

É o novo ídolo do próximo verão

A melhor banda de todos os tempos da última semana

O melhor disco brasileiro de música americana

O melhor disco dos últimos anos de sucessos do

passado

O maior sucesso de todos os tempos entre os dez

maiores fracassos

- Leitura compreensiva e interpretativa do texto
Ler a letra da música, resolver e discutir as atividades.

Atividades

1. Nessa música, chama a atenção o uso de palavras com significados que se contradizem. Copie da letra da música três trechos que expressam contradição.
2. Sublinhe, nos trechos que você copiou, as palavras responsáveis pela contradição gerada.

Explorar a noção de antítese durante a correção da atividade.

“Também chamada ‘contraste’. É a oposição entre duas ou mais idéias, ou dois pensamentos. Segundo La Bruyère é a ‘oposição de duas verdades uma dando vida à outra.” (TAVARES, 1978, p. 345).

Na verdade, as figuras utilizadas nos textos são oxímoros: “ligação entre duas idéias ou pensamentos que se excluem. [...] Trata-se de uma antítese ‘ad absurdum’, tocando no paradoxo”. (TAVARES, 1978, p. 345).

3. A letra foi organizada em forma de poema, ou seja, escrita em versos (linhas) que foram agrupados (estrofes). Observe as estrofes do texto e identifique qual ou quais delas se repetem.
4. A repetição de versos ou estrofes geralmente está relacionada à repetição de uma ideia que é importante no texto. Releia as estrofes que se repetem e complete o quadro:

Estrofe repetida

Ideias presentes na estrofe

5. Do que a música está falando? (Da “qualidade” do que está sendo veiculado na mídia em geral.)

6. Copie do texto palavras ou expressões que nos ajudam a entender qual é o tema da música (comerciais, sucesso, fama, jornais, televisão...).

7. O texto recupera conhecimentos do leitor. Veja:

“Os bons meninos de hoje
Eram os rebeldes da outra estação
O ilustre desconhecido
É o novo ídolo do próximo verão”

a) Quem são os “rebeldes de outra estação”? O que quer dizer ser “bom menino de hoje”?

b) A que tipo de “ilustre desconhecido” que se torna “novo ídolo do próximo verão” pode estar se referindo o texto?

8. Um poema geralmente explora ritmo e musicalidade. Você observa essas características no texto da música? Como elas são apresentadas? Dê exemplos para justificar sua resposta (escrita em versos, uso de rimas, aliterações).

9. O que o uso de paradoxos revela sobre o tema da música?

10. Escreva uma frase sintetizando a crítica feita na letra da música.

C) Ruptura do horizonte de expectativas (2 aulas)

2ª AULA

- Atividade introdutória à recepção do texto

Retomar o que foi trabalhado na aula anterior. Comentar que outros autores, em outras épocas, também utilizaram a poesia para fazer crítica. Um deles foi Gregório de Matos, que viveu entre 1633 e 1695, tendo estado na Bahia, em Pernambuco e Portugal.

Conversar sobre a nossa cidade e sobre a forma como cada aluno a definiria, em seus aspectos positivos ou negativos. Falar também sobre o palavrão como forma de desabafo.

- Leitura compreensiva e interpretativa do texto
Ler o poema, resolver e discutir as atividades.

Define a sua cidade

Gregório de Matos

MOTE

De dous ff se compõe
esta cidade a meu ver:
um furtar, outro foder.

Recopilou-se o direito,
e quem o recopilou
com dous ff o explicou
por estar feito, e bem feito:
por bem Digesto, e Colheito
só com dous ff o expõe,
e assim quem os olhos põe
no trato, que aqui se encerra,
há de dizer que esta terra
de dous ff se compõe.

Se de dous ff composta
está a nossa Bahia,
errada a ortografia,
a grande dano está posta:

eu quero fazer aposta
e quero um tostão perder,
que isso a há de preverter,
se o furtar e o foder bem
não são os ff que tem
esta cidade ao meu ver.

Provo a conjectura já,
prontamente como um brinco:
Bahia tem letras cinco
que são B-A-H-I-A:
logo ninguém me dirá
que dous ff chega a ter,
pois nenhum contém sequer,
salvo se em boa verdade
são os ff da cidade
um furtar, outro foder. (MATOS, 1990, p. 38)

Atividades

1. O poema está escrito em ordem indireta. Reescreva o Mote em ordem direta.
2. Mote é o motivo ou tema de um texto e, geralmente, aparece em seu início. Observe o Mote reescrito. O que o Mote revela sobre o conteúdo do poema?

3. Reescreva a segunda estrofe, colocando os versos em ordem direta.
4. A que cidade o eu-lírico se refere?
5. O autor cria uma história e a usa como pretexto para falar sobre sua cidade. Que situação é essa? Em que estrofe do poema ela foi narrada?
6. Qual o sentido que o eu-lírico dá ao “engano” na escrita do nome da cidade?
7. Quais são as palavras usadas para definir a cidade?
8. Ao ler o poema, percebemos seu tom irônico e satírico. Quais são os recursos usados pelo autor para criar esse efeito? (palavras vulgares, tom de relato, como se fosse um fato verídico...)
9. Como Gregório define sua cidade? Escreva sobre o conteúdo do poema “Define a sua cidade” e sobre a linguagem utilizada pelo autor nessa construção.

Na correção, destacar linguagem rebuscada, em ordem indireta, e a crítica social.

3ª AULA

- Atividade introdutória à recepção do texto

Retomar o que foi trabalhado na aula passada, lembrando qual foi o poema lido, o tema do texto e recursos de construção. Escrever no quadro o título do poema – “Ao casamento de certo advogado com uma moça mal reputada.” Discutir: o título do poema dá pistas sobre seu conteúdo? Quais? Qual é o sentido que o uso dos adjetivos “certo” e “mal reputada” dão a “advogado” e “moça”?

- Leitura compreensiva e interpretativa do texto

Ler o poema, em voz alta, e discutir as questões propostas. As atividades serão dirigidas, ou seja, a professora e o grupo trabalharão juntos durante toda a aula.

Ao casamento de certo advogado com uma moça mal reputada

Gregório de Matos

Casou-se nesta terra esta e aquele.
Aquele um gozo filho de cadela,
Esta uma donzelíssima donzela,
Que muito antes do parto o sabia ele.

Casaram por unir pele com pele;
E tanto se uniram, que ele com ela
Com seu mau parecer ganha para ela,
Com seu bom parecer ganha para ele.

Deram-lhe em dote muitos mil cruzados,
Excelentes alfaias, bons adornos,
De que estão os seus quartos bem ornados:

Por sinal que na porta e seus contornos
Um dia amanheceram, bem contados,
Três bacias de trampa e doze cornos.

(MATOS apud WISNIK, 1993, p. 170)

Após a leitura, buscar o significado das palavras ou expressões desconhecidas no texto. Serão disponibilizados dicionários para essa atividade. Retomar também a organização sintática dos versos, que estão em ordem inversa.

Questões para discussão

- a) Na primeira estrofe, como o poeta define os personagens que se casam?
- b) Como é construída a ironia nessa estrofe?
- c) Na segunda estrofe, o poeta usa uma antítese para falar sobre a relação entre o casal. Quais são as expressões que se opõem? O que elas significam?
- d) Na terceira estrofe, descreve-se a riqueza do dote envolvido no casamento, mas, na estrofe seguinte, apresenta-se uma situação que contradiz a beleza e o valor do dote. Que situação é essa?
- e) Nesse poema, o autor utiliza ironia e antíteses para falar sobre o.....
- f) Que ideia de casamento está sendo apresentada? Essa ideia se mantém atual? Por quê?
- g) Você considera que a leitura desse texto faz sentido na realidade atual?
- h) Nos poemas, a compreensão não envolve apenas o uso de palavras por seu significado, mas por sua sonoridade. Além da rima e do ritmo, o poeta selecionou palavras cujos sons contribuem com sua crítica agressiva. Procure identificar esses sons nas palavras da última estrofe.

A forma utilizada pelo poeta para construir seu poema chama-se **soneto** e é muito utilizada em poemas. Soneto é uma forma de composição de poemas, composta por quatro estrofes, sendo duas estrofes de quatro versos (quartetos) e duas estrofes de três versos (tercetos).

Questão-síntese

O poema discutido apresenta uma crítica ao casamento e à sociedade. Cite dois recursos de linguagem utilizados no poema e explique como eles contribuem para a construção desse sentido para o texto. Dê exemplos do poema para justificar sua resposta.

D) Questionamento do horizonte de expectativas (2 aulas)

4ª AULA

- Atividade introdutória à recepção do texto

Conversar sobre religiosidade: você tem alguma crença religiosa? Qual? Costuma recorrer a ela? Quando? Que imagem você tem de Deus?

Discutir a contradição que o ser humano experimenta entre crer e não crer.

- Leitura compreensiva e interpretativa do texto

Entregar o poema sem o título e o autor e fazer a leitura. Depois, discutir as questões propostas.

Buscando a Cristo

		Gregório de Matos
A vós correndo vou, braços sagrados, Nessa cruz sacrossanta descobertos		
Que, para receber-me, estais abertos, E, por não castigar-me, estais cravados.		

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, p'ra chamar-me

A vós, lado patente, quero unir-me,

A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

(MATOS apud WISNIK, 1993, p. 316)

Questões para discussão

a) No poema, o eu-lírico se dirige a um interlocutor. A quem o eu-lírico se dirige? Que elementos do poema permitem afirmar isso?

b) O título do poema é “Buscando a Cristo”. Ele foi escrito por Gregório de Matos. O que chama a atenção nesse texto em comparação aos outros textos do autor que lemos?

c) Nas duas primeiras estrofes, o poeta constrói antíteses. Complete o quadro com as antíteses construídas.

Estrofe	Assunto da estrofe	Antítese construída
1 ^a	Braços de Cristo	
2 ^a		

d) Através das antíteses, o poeta opõe a natureza de Cristo à natureza humana. Qual é a imagem de Cristo apresentada? Qual é a imagem de ser humano apresentada?

e) Releia a última estrofe do poema e responda: qual é o sentimento do eu-lírico diante da imagem de Cristo crucificado?

f) Como o eu-lírico se sente frente a Deus?

g) Quais são os sons que se destacam no poema? De que forma contribuem para sua compreensão?

h) Observe a forma como o poema foi organizado. Como se chama essa estrutura? Como ela se constitui?

i) O ritmo é uma característica marcante em poemas. Para criar esse efeito, muitos autores escrevem poemas cujos versos têm o mesmo tamanho, ou seja, o mesmo número de sílabas. Releia a terceira estrofe do poema e conte as sílabas de cada verso até a última sílaba tônica. Quantas sílabas há em cada verso?

Mencionar que poemas com o mesmo número de sílabas em cada verso são chamados regulares. Durante a aula, desenvolver o conceito de eu-lírico (sujeito de papel, pessoas – “máscaras” – que o autor assume para escrever, ser ficcional).

Após a análise do poema, discutir as características da obra de Gregório de Matos observadas na leitura dos poemas já trabalhados.

Questão-síntese

Escreva sobre os temas e o estilo da obra de Gregório de Matos.

5ª AULA

- Atividade introdutória à recepção do texto

Conversar sobre as relações na sociedade em que vivemos: trabalho, família, escola... Há igualdade nas relações sociais? Há marginalizados? Quem? Quem os marginaliza? Há pessoas com mais poder? Como você se sente, como adolescente, nessa sociedade?

- Leitura compreensiva e interpretativa do texto

Ler os textos, em voz alta, e discutir as questões propostas. As atividades serão dirigidas, ou seja, a professora e o grupo trabalharão juntos durante toda a aula.

TEXTO 1

[...] A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. [...] Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá: para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer e como se hão-de comer.

Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores; comem-no os oficiais dos órfãos e os dos defuntos e ausentes; come-o o médico, que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador que lhe tirou o sangue; come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os

sinos, e os que cantando o levam a enterrar; enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. [...] Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em júzo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

(*Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, pregado na cidade de São Luís do Maranhão em 1654, VII-VIII-IX)

Questões

- a) Retome o título do Sermão. Você conhece a história que deu origem ao título desse Sermão?
- b) Pe. Antônio Vieira usa a história de Santo Antônio para construir seu sermão, fazendo uma paródia. No sermão de Vieira, quem toma o lugar de Santo Antônio, enunciador do sermão? E quem são os peixes (ouvintes)?
- c) No sermão, o autor compara o comportamento humano ao comportamento de um animal. Que animal é esse? Em que aspecto o ser humano se assemelharia a esse animal?
- d) Qual é o sentido do verbo “comer” no texto?
- e) No primeiro parágrafo, lemos: “Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se

fora pelo contrário, era menos mal.” Explique o sentido dessa afirmação, de acordo com o texto.

f) No segundo parágrafo, o autor apresenta dois exemplos que confirmam sua tese sobre o comportamento humano. Que exemplos são esses?

g) Vieira afirma que os brancos são mais cruéis que os índios Tapuias (1º parágrafo) e que os corvos (2º parágrafo). Explique por quê.

h) O autor não utiliza apenas exemplos e comparações para convencer seu público. Ele também utiliza recursos de linguagem, como:

() antíteses

() questionamentos dirigidos ao ouvinte

() musicalidade

TEXTO 2

Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banquetecendo, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoite, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens vilíssimas da servidão e espetáculos da extrema miséria. Ó Deus! Quantas graças devemos à fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que, à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo vossa justiça e providência! Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não

respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu?
Não os aquece o mesmo Sol?

(Sermão Vigésimo Sétimo)

Questões

- a) No Sermão Vigésimo Sétimo, Vieira prega contra a escravidão dos indígenas pelos colonos portugueses. No trecho que lemos, ele destaca a desigualdade entre a situação do indígena escravizado e de seu senhor através de oposições. Cite três dessas oposições.
- b) Como chamamos essa construção baseada na relação entre contrários?
- c) Qual foi a pontuação utilizada nas oposições?
- d) Após descrever a injustiça da escravidão dos indígenas, o autor procura convencer seu interlocutor da igualdade entre escravos e senhores. Que argumentos ele utiliza?

Estudando o Parnasianismo...

[...] Chega mais perto e contempla as palavras.

*Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

*Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras,
ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Proposta 1

e) Releia as quatro últimas linhas do texto. Que recursos de linguagem o autor utiliza para despertar a consciência de seus ouvintes?

Tarefas para a próxima aula

Pesquisar quem foram Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira. Trazer os resultados de sua pesquisa por escrito.

Trazer imagens que respondam à questão: por que o homem “grita” hoje? Essas imagens serão utilizadas na montagem de um painel.

E) Ampliação do horizonte de expectativas (1 aula)

6ª AULA

Montar um painel sob o título “Por que o homem ‘grita’ hoje?” Utilizar as imagens trazidas pelos alunos.

Após a montagem, questionar:

- Que temas aparecem no painel? Por que inquietam o ser humano?
- Há relação entre os textos que lemos e esses temas? Qual(is)?
- Qual é o sentido de ler textos barrocos, diante desse painel?

Solicitar aos alunos que elaborem três ou quatro frases para sintetizar o sentimento da turma, diante das situações presentes no painel, e as fixem junto às imagens.

Questão-síntese (para entregar no final da aula)

Durante as últimas aulas, lemos e discutimos textos barrocos. Comente a atualidade desses textos: faz sentidos lê-los hoje? Por quê? Explique.

Referências

MATOS, Gregório de. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Record, 1990. v. 1.

MATOS, Gregório de; WISNIK, José Miguel. *Poemas escolhidos*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

TEXTOS de Vieira. Disponível em: < <http://wsl.cemed.ua.pt/textosvieira/> >. Acesso em: 1º nov. 2007.

VAGALUME: o site de letras mais completo do Brasil. Disponível em: < <http://vagalume.uol.com.br/titas/a-melhor-banda-de-todos-os-tempos-da-ultima-semana.html> >. Acesso em: 5 out. 2007.

*Como explorar, hoje, textos pertencentes ao Parnasianismo? Como torná-los compreensíveis ao leitor contemporâneo? Para buscar um caminho de estudo do Movimento, a professora-estagiária **Luciana Idiarte Soares** criou estratégias de leitura de poemas da época, intercalando-os com textos mais contemporâneos. Foram estabelecidas ainda relações temáticas entre as poesias de autores parnasianos e românticos, para que os alunos reconhecessem diferenças entre esses períodos literários, sem esquecer a questão primordial dessas análises – que textos os nossos estudantes têm o direito de conhecer?*

Nessa perspectiva, a professora-estagiária quis não só tornar os textos conhecidos, mas também estimular o gosto pela poesia e pela literatura, mediante leitura compreensiva e interpretativa dos poemas do período

1	Motivo
2	Eu canto porque o instante existe
3	e a minha vida está completa.
4	Não sou alegre nem sou triste:
5	sou poeta.
6	Imão das coisas fugidias,
7	não sinto gozo nem tormento.
8	Atravesso noites e dias
9	no vento.
10	Se desmorono ou se edifico,
11	se permaneço ou me desfaço,
12	– não sei, não sei. Não sei se fico
13	ou passo.
14	Sei que canto. E a canção é tudo.
15	Tem sangue eterno a asa ritmada.
16	E um dia sei que estarei mudo:
17	– mais nada.
18	MEIRELES, Cecília. <i>Poesia completa</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. p. 109.

• Explicar aos alunos que, aqui, Cecília Meireles chama o poema de canção. Discutir com o grupo as três questões abaixo:

- O eu-poético aponta duas características para a poesia. Quais são elas? O que elas significam?
- De acordo com o eu-poético, quais são as características desse poeta?
- O que é um motivo? Explique por que o poema se chama “Motivo”.

- Falar sobre a vida e obra de Fernando Pessoa e apresentar o poema “Autopsicografia” (10 minutos).

1	O poeta é um fingidor.
2	Finge tão completamente
3	Que chega a fingir que é dor
4	A dor que deveras sente.
5	E os que lêem o que escreve,
6	Na dor lida sentem bem,
7	Não as duas que ele teve,
8	Mas só a que eles não têm.
9	E assim nas calhas de roda
10	Gira, a entreter a razão,
11	Esse comboio de corda
12	Que se chama coração.
13	PESSOA, Fernando. <i>Obra poética</i> . 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969. p. 164.
	Vocabulário
	Calhas de roda = trilhos
	Comboio de corda = um trem de brinquedo

- O que você compreende a partir da leitura dos quatro primeiros versos?

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

- O que pode significar a expressão “dor lida”?
- A dor do leitor é a mesma do poeta? Por quê?
- O que cria uma oposição com a razão? E por que existe essa oposição?

- Após o fechamento das atividades sobre o poema de Fernando Pessoa, dizer aos alunos que eles responderão a duas perguntas sobre o que é poesia e fazer poético e as entregarão

no final da aula (20 minutos – essas questões envolvem a habilidade de síntese).

Perguntas:

1) Em sua opinião, como Cecília Meireles e Fernando Pessoa veem o fazer poético? Há pontos semelhantes entre eles? Quais?

2) E você, como entende o processo de fazer poesia ou letra de música? Quais elementos são importantes para que a poesia ou letra de música seja considerada com boa qualidade?

Aula 2

Atividade introdutória à recepção do texto

- Fazer a leitura dos poemas trabalhados na aula anterior e questionar aos estudantes: Quais características percebem ser utilizadas principalmente na poesia, ou seja, que estão presentes nessas construções? (rimas, figuras de linguagem, forma...). Os poemas evidenciam preocupação com a forma do poema? Ou há uma preocupação maior com o conteúdo poético? Na sequência, discutir se os poetas devem ser rigorosos quanto à forma da poesia ou devem ser livres para escrever no formato que acham conveniente? Por quê?

- Logo após, informar aos alunos que eles iniciarão o estudo de um período literário chamado Parnasianismo. Lembrar que esse movimento caracterizava-se, sobretudo, pelo extremo rigor formal e que ele aconteceu em paralelo à prosa realista/naturalista.

- A professora entrega a todos uma cópia do poema a seguir e o lê em voz alta. A seguir, os estudantes responderão à primeira atividade.

1	Não quero o Zeus Capitolino
2	Hercúleo e belo
3	Talhar no mármore divino
4	Com o camartelo.
5	Que outro – não eu – a pedra corte
6	Para, brutal,
7	Erguer de Atene o altivo porte
8	Descomunal.
9	Mais que esse vulto extraordinário,
10	Que assombra a vista,
11	Seduz-me um leve relicário
12	De fino artista.
13	Invejo o ourives quando escrevo:
14	Imito o amor
15	Com que ele, em ouro, o alto-relevo
16	Faz de uma flor.
17	Imito-o. E, pois, nem de Carrara
18	A pedra firo:
19	O alvo cristal, a pedra rara,
20	O ônix prefiro.
21	Por isso, corre, por servir-me,
22	Sobre o papel
23	A pena, como em prata firme
24	Corre o cinzel.
25	Corre; desenha, enfeita a imagem,
26	Aideia veste:
27	Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
28	Azul-celeste.
29	Torce, aprimora, alteia, lima
30	A frase; e, enfim,
31	No verso de ouro engasta a rima,
32	Como um rubim.
33	Quero que a estrofe cristalina,
34	Dobrada ao jeito
35	Do ourives, saia da oficina
36	Sem um defeito:
37	E que o lavor do verso, acaso,
38	Por tão sutil,
39	Possa o lavor lembrar de um vaso
40	De Becerril.
41	E horas sem conta passo, mudo,
42	O olhar atento,
43	A trabalhar, longe de tudo
44	O pensamento.
45	Porque o escrever – tanta perícia,
46	Tanta requer,
47	Que ofício tal..., nem há notícia
48	De outro qualquer.
49	Assim procedo. Minha pena
50	Segue esta norma,
51	Por te servir. Deusa serena.
52	Serena Forma!
53	(BILAC, Olavo. Obra reunida. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997)

Leitura compreensiva e interpretativa do texto

• A seguir estão as primeiras estrofes, de um total de 30, do poema “Profissão de fé”, de Olavo Bilac.

1) A seguir estão escritas palavras que fazem parte do poema de Bilac e, na sequência, alguns encontros que definem essas palavras. Complete o espaço que antecede o enunciado com a palavra adequada.

• Cingir	• Becerril	• Ônix
• Limar	• Capitolino	• Engasta

• Camartelo	
	Antigo artesão romano.
	Erguer, elevar.
	Rodear, cercar; prender ou ligar em volta.
	Região italiana famosa por seus mármore, mais brancos e mais puros que os outros. Era o mármore preferido, por exemplo, por Michelângelo.
	Instrumento de aço, cortante numa das extremidades e usado especialmente por escultores e gravadores.
	Recinto especial, cofre ou caixa para guardar as relíquias de um santo.
	Martelo agudo ou com gume de um lado e redondo ou quadrado em outro, e que é usado para desbastar pedras. Relativo a Capitólio, colina romana e templo nela erigido em honra a Zeus, o deus dos deuses.
	Artesão que fabrica joias com metais e pedras preciosas. Na mitologia grega, era a deusa dos combates militares e da sabedoria. Representava o aspecto intelectual da guerra.
	Varietade de ágata entre cujas camadas se observa sensível varietade de cor. Mármore com camadas policrômicas.
	Embutir ou encravar em ouro, prata, etc. Encaixar.
	Forma erudita de trabalho.
	Branco, puro, límpido.

	Desgastar ou polir.
	Forma erudita de rubi.

- Relicário
- Carrara
- Ourives

Aula 3

• Corrigir a questão nº 1 e ler o poema novamente. Continuar a realização das atividades do poema “Profissão de fé” e, após o término, corrigi-las.

2) O poeta define sua “profissão de fé”, isto é, os seis princípios artísticos. A respeito dessa questão, responda:

a) A que o poeta se compara na 4ª e 5ª estrofes? Por quê?

b) Considerando a qualidade e o tipo do uso dos materiais citados no poema, que ideia o poeta revela ter a respeito do valor e da função da poesia?

c) De acordo com as 7ª, 8ª, 9ª e 10ª estrofes, como é o trabalho do poeta parnasiano?

3) Os parnasianos defendiam o princípio da “arte pela arte”. Como isso pode ser visto na 11ª estrofe do poema?

4) a) *Rima* é uma repetição de sons na terminação de dois ou mais versos. Retire do poema alguns exemplos desse elemento da poesia.

b) Como podemos classificar as rimas desse poema?

5) A repetição de determinadas consoantes em um poema é chamada de aliteração. Esse fenômeno acontece no poema acima? Se, sim, como? Que efeito isso pode gerar?

6) Qual a função do conectivo “assim” no verso 49?

7) A quem se refere o verbo do verso 29? Com que sentido ele foi utilizado?

8) Esse poema é considerado um manifesto parnasiano. Por quê?

9) Explique o título “Profissão de fé”. Qual a sua relação com o tema do poema?

10) Que elementos da mitologia são encontrados no poema?

Após o exercício, em grande grupo, construir um esquema com as principais características do Parnasianismo.

- Busca pela perfeição formal;
- Vocabulário culto;
- Gosto pelo soneto;
- Rimas raras;
- Racionalismo, contenção das emoções;
- Presença da mitologia;
- Arte pela arte.

Aula 4

Atividade introdutória à recepção do texto

- Comentar com os alunos que os Parnasianos também tinham um gosto pelas descrições, mas o que é descrever? (o que será visto no poema que eles lerão). Mostrar a eles

Vaso grego

1 Esta, de áureos relevos, trabalhada
2 De divas mãos, brilhante copa, um dia,
3 Já de aos deuses servir como cansada,
4 Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

5 Era o poeta de Teos que a suspendia
6 Então e, ora repleta ora esvazada,
7 A taça amiga aos dedos seus tinha,
8 Tôda de roxas pétalas colmada.

9 Depois... Mas, o lavor da taça admira,
10 Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas
11 Finas há de lhe ouvir, canora e doce,

12 Ignota voz, qual se de antiga lira
13 Fôsse a encantada música das cordas,
14 Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de; CAMPOS, Geir (Org.). *Poesia*.
Rio de Janeiro: Agir, 1959. p. 22-23.

um vaso e solicitar que o descrevam. Um aluno do grupo anotarà no quadro a descrição para efetuar a discussão acerca do texto produzido. Informar-lhes que um poeta, chamado Alberto de Oliveira, escreveu um poema descrevendo um vaso. A seguir, a professora lê o poema com expressividade.

Leitura compreensiva e interpretativa do poema “Vaso grego”

Atividades

1) Busque no dicionário o significado das seguintes palavras: *áureo, esvazada, colmada, lavor, ignota, canora*. Rer o poema, a partir do significado dos termos.

2) Segundo os parnasianos, o uso da ordem indireta enobrecia a poesia. Reescreva a primeira estrofe deste poema colocando os versos em ordem direta:

*Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.*

3) Identifique, no poema, as seguintes características do estilo parnasiano:

- I) descritivismo;
- II) retomada de motivos greco-romanos;
- III) uso de vocabulário refinado.

4) Em geral, o poeta parnasiano não se deixa levar pelos sentimentos para não prejudicar o caráter técnico da sua composição poética. Podemos observar essa concepção no soneto “Vaso grego”?

5) O poeta parnasiano tende a fazer uso moderado de metáforas e de imagens. Podemos observar isso no soneto em estudo? Explique.

6) Nesse soneto, o eu-poético preocupa-se em transmitir uma mensagem ao seu leitor, ou apenas escreve um poema que prima pela forma? Explique.

Referência

BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. p. 109.

OLIVEIRA, Alberto de; CAMPOS, Geir (Org.). *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1959. p. 22-23.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969. p. 164.

***Estudando o Pré-Modernismo e o
Modernismo...***

*A linguagem dá voz aos narradores que
tentam nos dizer quem somos; a
linguagem constrói com palavras a
realidade e seus habitantes, dentro e fora
dos muros da sociedade; a linguagem
providencia histórias que contam mentiras
e histórias que dizem a verdade. A
linguagem evolui conosco, torna-se débil
ou poderosa conosco, sobrevive ou morre
conosco.*

ALBERTO MANGUEL

Proposta 1

A professora-estagiária **Fabiana Branchini** dispunha de um período de aula por semana, o que, de certa forma, prejudicou o andamento das atividades, pois o tempo disponível era muito breve para que se fizesse uma reflexão sobre a natureza e a polissemia de um texto literário e ainda houve feriados no dia em que ocorreria a disciplina. Frente à disposição da carga horária da escola, a proposta apresentada sugere uma quebra na leitura do conto. O texto foi dividido em partes e, em cada uma delas, o aluno teve a oportunidade de ler e desenvolver questões de compreensão daquele trecho. Os objetivos da unidade giram em torno da decodificação e compreensão dos elementos simbólicos do texto, assim como a percepção de características do Pré-Modernismo e a instrumentalização para a leitura literária, que atinja a fruição do texto.

Apresentaremos, aqui, a sugestão de leitura e a análise do conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto. O percurso metodológico para a proposta segue orientações de Juracy Saraiva (2001).

PROPOSTA DE ATIVIDADE (para dois períodos de aula)

1º momento: *Antecipação de leitura*

• Perguntar o que sugere o título do texto. Fornecer dados de publicação, mencionar a época e o autor, investigar o que os alunos inferem a partir disso.

2º momento:

• Escuta do conto gravado em CD e oralizado por Pedro Paulo Rangel (2001).

1	O homem que sabia javanês
2	Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas (piadas/
3	jogos/ peças) que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.
4	Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a
5	esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que
6	afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.
7	O meu amigo ouvia-me calado, embevecido (interessado/ extasiado/atônito), gostando
8	daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os
9	copos, observou a esmo:
10	– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!
11	– Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar
12	a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado!
13	– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido
14	tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.
15	– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina
16	tu que eu já fui professor de javanês!
17	– Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?
18	– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.
19	– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?
20	– Bebo.
21	Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:
22	– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivía fugido de
23	casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no
24	Jornal do Comércio o anúncio seguinte:
25	“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.” Ora, disse cá comigo, está ali
26	uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capicasse (compreende-se/ atina-
27	se/entende-se) quatro palavras, ia apresentar-me. Sai do café e andei pelas ruas, sempre a
28	imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros
29	desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não
30	sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e
31	subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o
32	artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns
33	minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o
34	javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de
35	nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.
36	A Encyclopédie dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive
37	dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí.
38	Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam

39	hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e
40	escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a
41	escrevê-los.
42	À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do
43	encarregado, ainda continuei no quarto a engoli r o meu “a-b-c” malaio, e, com tanto
44	afincio levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente .
45	Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo; e saí mas não tão cedo que não
46	me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:
47	– Senhor Castelo, quando salda a sua conta?
48	Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:
49	– Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês,
50	e...
51	Por aí o homem interrompeu-me:
52	– Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?
53	Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:
54	– É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?
55	Oh! alma ingênuu! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos
56	portugueses:
57	– Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de
58	Macao. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?
59	Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele.
60	Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo
61	Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não
62	fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um
63	professor de língua malaio ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do
64	idioma que ia ensinar.
65	Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz,
66	Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. E preciso não te
67	esqueceres que entretimes (neste meio tempo/ entretanto/durante este tempo) continuei estudando o
68	meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também
69	perguntar e responder “como está o senhor?” – e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse
70	saber com vinte palavras do léxico (conjunto de palavras/vocabulário de uma língua).
71	Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É
72	mais fácil – podes ficar certo – aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal
73	carinho, as anosas manguieiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam,
74	me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a
75	sentir a simpatia da natureza...
76	Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei por que me veio pensar
77	que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver
78	anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de
79	outros tempos, estavam desguarnecidos (tirados os enfeites/ desprovidos/ desenfeitados/ aqui e ali,
80	como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.
81	Olhei um pouco o jardim e vi a pujança (robustez/exuberância/superioridade) vingativa com a
82	tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a
83	viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto
84	africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice,
85	doçura e sofrimento.
86	Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam
87	enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes
88	leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas
89	velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi
90	um belo jarão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua
91	fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele
92	objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fátigados dos velhos
93	desiludidos...
94	Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcaçoça na
95	mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive

96	vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele
97	ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei,
98	mas fiquei.
99	– Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.
100	– Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?
101	– Não, sou de Canavieiras.
102	– Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo, – Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu. –
103	Onde fez os seus estudos?
104	– Em São Salvador.
105	– Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.
106	Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai
107	era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de
108	Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.
109	– E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.
110	– Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a
111	minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio...Tu sabes bem que,
112	entre nós, há de tudo: índios, malaio, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria
113	de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.
114	– Bem, fez o meu amigo, continua.
115	– O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que
116	me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:
117	– Então está disposto a ensinar-me javanês?
118	– A resposta saiu-me sem querer: – Pois não.
119	– O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira
120	aprender qualquer coisa, mas...
121	– Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...?
122	– O que eu quero, meu caro senhor....
123	– Castelo, adiantei eu.
124	– O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é [...]
125	

4º momento:

• Alunos recebem folha com as seguintes atividades para responder individualmente:

Obs.: os exercícios nesse momento privilegiam a compreensão analítica do texto.

1. Substitua as expressões abaixo por palavras ou termos equivalentes, sem prejudicar o sentido do texto:

- bacharel (linha 5):
- burocrático (linha 14):
- perambulando (linha 38):
- hieróglifos (linha 39):
- afinco (linha 44):

- f) patriotismo (linha 53):
- g) animosamente (linha 60):
- h) desleixo (linha 77):
- i) arrogantes (linha 86):
- j) fatigados (linha 92):
- k) trôpego (linha 94):
- l) peculiar (linha 105):

2. De que forma podemos entender as seguintes expressões, de acordo com o texto:

- a) belas páginas de vida (linha 15):
- b) os “cadáveres” (linha 29):
- c) mastigando letras (linha 38):
- d) a engolir o meu “a-b-c” malaio (linha 43):
- e) Ao cabo de dois dias (linha 65):
- f) como dentaduras decadentes (linha 80):
- g) cabelo de algodão (linha 84):
- h) arquitetei uma mentira (linha 106) :

3. No conto, foram dadas três alternativas de significado para algumas palavras. Escolha a opção em que o sentido fica mais coerente com o texto.

4. Os personagens demonstram em alguns momentos malandragem e em outros, ingenuidade. Que palavras ou expressões nos mostram isso? Podemos encontrar algumas entre as linhas 1 e 13. Entre 48 e 51, entre 60 e 65 e entre 115 e 121.

5. Onde o conto acontece? Que elementos no texto nos falam do cenário.

Aulas 2 e 3

1º momento: correção das atividades propostas na aula anterior.¹⁴

126	– O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei
127	se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albemaz, aquele que acompanhou Pedro
128	I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a
129	que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em
130	agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou
131	meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo
132	deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo.
133	Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado (destino/sorte/ fim) que me deitou o
134	sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça
135	seja feliz.” Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo,
136	guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em
137	começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida.
138	Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto
139	desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da
140	família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias
141	anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso
142	entender o javanês. Eis aí.
143	Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os
144	olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado,
145	deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe
146	restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e
147	de saúde frágil e oscilante.
148	Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro,
149	impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e
150	por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio,
151	escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor
152	javanês de muito mérito.
153	Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo
154	inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaiu. Estive ainda folheando o
155	cartapácio, (calhamaço, alfarrábio, coleção de manuscritos em forma de livro.) à laia de
156	quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, (linguagem ininteligível, confusa,
157	o idioma vasconço.) até que afinal contratamos as condições de preço e de hora,
158	comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.
159	Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente (que tem
160	diligência; zeloso, cuidadoso) quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever
161	nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor
162	Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.
163	A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias
164	do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para
165	distrair-lo.
166	Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o

¹⁴ A atividade de correção de certa forma permite a retomada do enredo do conto.

167	genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa única! Ele não se cansava de
168	repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! Onde estava!”
169	O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão) era
170	desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava (estorvava,
171	embaraçava, envergonhava) em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo
172	meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim, de dois meses
173	desistira da aprendizagem e pediu-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um
174	trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o
175	traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.
176	Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e
177	impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens !...
178	Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus
179	olhos !
180	Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado.
181	Passava, enfim, uma vida regalada.
182	
183	Contribuí muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que
184	vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.
185	Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente
186	alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me
187	mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe
188	todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo (filipino; aquele
189	indivíduo natural das Filipinas). – “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui.
190	Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um
191	sucesso.
192	O diretor chamou os chefes de secção: “Vejam só, um homem que sabe javanês – que portento!”
193	(estupendo, maravilhoso, coisa rara)
194	Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses (empregado de repartição pública,
195	escrevente, secretário) e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou
196	admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil! Não há quem o saiba aqui!”
197	O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor
198	sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.
199	A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou:
200	“Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a
201	história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu
202	físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou
203	fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero
204	que, para o ano, parta para Båle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude,
205	leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”
206	Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e ia representar o Brasil em
207	um congresso de sábios.
208	O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse
209	a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.
210	Pus-me com afã no estudo das línguas malco-polinésicas; mas não havia meio!
211	Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola
212	aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: Revue Anthropologique et Linguistique,
213	Proceedings of the English-Oceanic Association, Archivo Glottologico Italiano, o diabo, mas nada! E
214	a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que
215	sabe javanês.” Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal
216	jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos (que tem instrução vasta e variada, que revela
217	muito saber) do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos
218	sequiosos (sedento; ansioso de alguma coisa; ávido) de entenderem o tal javanês. A convite da
219	redação, escrevi, no Jornal do Comércio um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga
220	e moderna...
221	– Como, se tu nada sabias? Interrompeu-me o atento Castro.
222	– Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas
223	poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.
224	– E nunca duvidaram? Perguntou-me ainda o meu amigo.
225	– Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um manujo, um tipo
226	bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia.
227	Fui também chamado, com todos os respeito que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-
228	me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem
229	ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal manujo era javanês – uf!
230	Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às
231	sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém,
	fiz publicar no Mensageiro de Båle o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o

231	presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e
232	julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani.
233	Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe
234	mandar, conforme prometi.
235	Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bâle, em Berlim, em Turim e
236	Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot.
237	Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos,
238	brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje
239	ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.
240	Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bâle, em Berlim, em Turim e
241	Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot.
242	Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos,
243	quase toda a herança do crédulo (que, ou aquele que crê facilmente; ingênuo, simples.) e bom Barão
244	de Jacuucanga.
245	Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux,
246	recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me
247	para almoçar em sua companhia.
248	Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a
249	fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.
250	– É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.
251	– Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?
252	– Quê?
253	– Bacteriologista eminente. Vamos?
254	– Vamos.
255	
256	BARRETO, Lima. O homem que sabia javanês. In: _____. <i>O homem que sabia javanês e outros</i>
257	<i>contos</i> . São Paulo: Nacional, 2004.

2º momento: será feita a audição do restante do conto, novamente com o CD.

3º momento:

• Os alunos responderão às atividades a seguir, relacionadas à compreensão e interpretação do texto literário.

ATIVIDADES:

1. Substitua as expressões abaixo por palavras ou termos equivalentes, sem prejudicar o sentido do texto:

a) *abdicou* (l.118)

b) *talismã* (l.139)

c) *prole* (l. 146)

d) *alfarrábio* (l.158)

e) *assombro* (l.168)

f) *outrem* (l.174)

g) *impingi-as* (l.177)

- h) *extático* (l.178)
- i) *regalada* (l.181)
- j) *cousa* (l.183)
- k) *fealdade* (l.187)
- l) *por ora* (l.201)
- m) *cachola* (l.210)
- n) *jargão* (l. 215)

2. De que forma podemos entender as seguintes expressões, de acordo com o texto:

- a) *Às portas da morte* (linha 136)
- b) *fabriquei minha vida* (linha 137)
- c) *tinham orvalhado* (linha 143)
- d) *à laia de quem* (linha155)
- e) *o doce barão* (linha 185)
- f) *pôs as mãos às cadeiras* (linha 198)
- g) *e fez-me uma deixa no testamento* (linha 208)
- h) *Pus-me com afã* (linha 209)
- i) *citei a não mais poder* (linha 222)

j) *abalei para Paris* (l. 230)

k) *Bacteriologista eminente* (linha 256)

3. No texto foram dadas três alternativas de significado para algumas palavras. Escolha a opção em que o sentido fica mais coerente com o texto.

4. Você acredita que o personagem se sentia envergonhado ou orgulhoso do que fazia? Justifique sua resposta com algum trecho do texto.

5. Em alguns momentos a sorte parece auxiliar o personagem. Cite um acontecimento em que ele não é descoberto graças à sorte.

6. Você acredita que esse tipo de acontecimento teria lugar no mundo de hoje? Por quê?

Obs.: Não consta, nesta proposta, atividade relativa à transferência e aplicação, em virtude de que a unidade tem continuidade com o estudo do conto “Cabelos compridos”, de Monteiro Lobato.

Referências

BARRETO, Lima. Contos [CD-Musical]: / 2001 – CD Musical. In: BARRETO, Lima; RANGEL, Pedro Paulo. *Lima Barreto: contos*. Rio de Janeiro: Luz da Cidade, 2001. 2 discos sonoros.

Proposta 2

BARRETO, Lima. *O homem que sabia javanês e outros contos*. São Paulo: Nacional, 2004.

*A proposta da estagiária **Morgana Larissa Sage** busca apresentar diferentes gêneros textuais, priorizando textos literários do Pré-Modernismo e do Modernismo da Literatura brasileira. O fio condutor da proposta de ensino é a representação da mulher. A professora-estagiária trabalhou com obras de poesia e conto, a fim de refletir não apenas sobre questões de compreensão e interpretação do texto em si, mas também pensar a literatura como forma de expressão que se inter-relaciona com o mundo, e torna-se perceptível por meio da palavra, que é “degustada” na leitura.*

A seguir, apresentaremos, na íntegra, a unidade planejada para seis horas-aula. Trata-se de um trabalho em que uma aula está diretamente relacionada com as outras, ou seja, são diferentes textos que se ligam pela mesma temática.

Esta unidade de ensino segue a orientação metodológica que mescla Saraiva (2001) e Aguiar e Bordini (1988).

1º momento:

Fazer um breve comentário sobre literatura, elucidando, em diálogo com os alunos, questões referenciais: para que serve? O que é? Onde ela se encontra? Quem tem acesso? Além disso, possibilitar a exposição da opinião dos alunos sobre a disciplina, diagnosticando suas preferências. Durante a conversa, expor diversos gêneros textuais, literários e não literários (conto, crônica, história em quadrinhos, e-mail, ata, bilhete...), mostrando que a literatura faz uso do texto de forma artística, como um construto de identidade humana é arte que, muito além de ser estudada e interpretada, deve ser “deliciada”.

2º momento:

A fim de proporcionar e/ou ampliar o conhecimento dos alunos sobre o escritor Mário de Andrade, primeiramente contextualizar o ambiente da época em que ele produziu

1	Moça linda bem tratada
2	Moça linda bem tratada,
3	Três séculos de família,
4	Burra como uma porta:
5	Um amor.
6	Grã-fino do despudor,
7	Esporte, ignorância e sexo,
8	Burro como uma porta:
9	Um coiô.
10	Mulher gordaça, filó,
11	De ouro por todos os poros
12	Burra como uma porta:
13	Paciência...
14	Plutocrata sem consciência,
15	Nada porta, terremoto
16	Que a porta de pobre arromba:
17	Uma bomba.
	ANDRADE, Mário. <i>Poesia completa</i> . Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

sua obra. Após, distribuir e ler para os alunos o poema “Moça linda bem tratada”, do referido autor, que mostra uma nova perspectiva literária cuja exposição do ser humano como homem, como cidadão, como figura social, é desnudada e muito criticada.

3º momento:

Propor, para compreensão e entendimento do poema, as seguintes questões:

a) Quem são as figuras sociais que o autor destaca em seu texto?

b) Buscando no dicionário, dê sinônimos equivalentes para os seguintes termos:

I) *grã-fino*:

II) *coiô*:

III) *filô*:

IV) *plutocrata*:

c) Qual(is) consoante(s) mais se repete(m) na última estrofe? Você identifica alguma relação entre a repetição da consoante e o significado do texto?

*Obs.: ao corrigir essa questão, lembrar a **aliteração**, retornar o conceito e fazer a interpretação da presença dessa figura de linguagem no poema (sua relação com bomba, invasão).*

d) O poema de Mário de Andrade expõe uma linguagem coloquial. Identifique em que versos isso acontece.

e) “Moça linda bem tratada” é um texto que deflagra uma sociedade estruturada em certos valores que se contradizem entre a tradição e os interesses das pessoas.

Onde podemos encontrar tais antagonismos no texto?

f) O eu-lírico usa uma figura de linguagem chamada **ironia**. Em que versos podemos observá-la?

Obs.: explicar o que é IRONIA, se necessário.

*A **ironia** é um instrumento de literatura ou de retórica que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos.*

Na Literatura, a ironia é a arte de gozar com alguém ou de alguma coisa, com vista a obter uma reação do leitor, ouvinte ou interlocutor.

Ela pode ser utilizada, entre outras formas, com o objetivo de denunciar, de criticar ou de censurar algo. Para tal, o locutor descreve a realidade com termos aparentemente valorizantes, mas com a finalidade de desvalorizar. A ironia convida o leitor ou o ouvinte a ser ativo durante a leitura, para refletir sobre o tema e escolher uma determinada posição.

g) Que tipo de crítica social podemos observar nesse texto de Andrade?

h) Com base no texto lido, hipotetizando um ambiente de Semana de Arte Moderna, faça um poema criticando figuras sociais do nosso tempo. Para isso, procure utilizar uma das figuras de linguagem estudadas (aliteração ou ironia).

4º momento:

Propor aos alunos a leitura de um conto de Mário de Andrade, "Vestida de preto". A partir, primeiramente de seu título, provocar um *brainstorm*, elencando no quadro as ideias prévias levantadas em aula e mostrando o caráter polissêmico da linguagem. A partir disso, suscitar o que o título pode dizer, descrevendo diferentes sentidos e, conseqüentemente, situações sociocomunitárias em que

seria usado. Dessa forma, levantar os acarretados semânticos prévios dessa expressão.

5º momento:

1	Vestida de preto (1943)
2	Mário de Andrade
3	(PRIMEIRA PARTE)
4	Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é
5	conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre. Depois do amor
6	grande por mim que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor
7	se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que freqüentava a nossa casa. Como se vê,
8	jamaís sofri do complexo de Édipo, graças a Deus. Toda a minha vida, mamãe e eu fomos muito
9	bons amigos, sem nada de amores perigosos.
10	Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus
11	cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, se acaso nos achávamos
12	juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornaram mais
13	raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto.
14	Aquilo aliás durava pouco, porque logo a criança chegou. Mas tínhamos então uma raiva
15	impensada dos manos e dos primos, sempre exteriorizada em palavras ou modos de irritação.
16	Amor apenas sensível naquele instinto de estarmos sós.
17	E só mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso.
18	Se a criança estava toda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincamos de
19	família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava
20	muito, apesar da idade já avançada para ele. Mas é que na casa de Tia Velha tinha muitos
21	quartos, de forma que casávamos rápido, só de boca, sem nenhum daqueles cerimoniais de
22	mentira que dantes nos interessavam tanto, e cada par fugia logo, indo viver no seu quarto. Os
23	melhores interesses infantis do brinquedo, fazer comidinha, amamentar bonecas, pagar visitas,
24	isso nós deixávamos com generosidade apressada para os menores. Íamos para os nossos quartos
25	e ficávamos vivendo lá. O que os outros faziam, não sei. Eu, isto é, eu com Maria, não fazíamos
26	nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safadezas já
27	mas sem tentar nenhuma. Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente
28	que ajuntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador.
29	Maria fez uns gestos, disse algumas palavras. Era o aniversário de alguém, não lembro mais,
30	o quarto em que estávamos fora convertido em dispensa, cômodas e armários cheios de pratos de
31	doces para o chá que vinha logo. Mas quem se lembrasse de tocar naqueles doces, no geral
32	secos, fáceis de disfarçar qualquer roubo! estávamos longe disso. O que nos deliciava era mesmo
33	a grave solidão.
34	Nisto os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro sem fronha que estava sobre uma cesta
35	de roupa suja a um canto. E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de
36	não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele
37	travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não,
38	“pecado” que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disso eu conseguira não
39	pensar até ali, no travesseiro.
40	– Já é tarde, vamos dormir – Maria falou.
41	Fiquei estarecido, olhando com uns fabulosos olhos de imploração para o travesseiro
42	quentinho, mas quem disse travesseiro ter piedade de mim. Maria, essa estava simples demais
43	para me olhar e surpreender os efeitos do convite: olhou em torno e afinal, vasculhando na cesta
44	de roupa suja, tirou de lá uma toalha de banho muito quentinha que estendeu sobre o assoalho.
45	Pôs o travesseiro no lugar da cabeceira, cerrou as venezianas da janela sobre a tarde, e depois
46	deitou, arranjando o vestido pra não amassar.
47	Mas eu é que nunca havia de pôr a cabeça naquele restico de travesseiro que ela deixou pra
48	mim, me dando as costas. Restico sim, apesar do travesseiro ser grande. Mas imaginem numa
49	cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulho de
50	família. Tia Velha, muito ciumenta por causa duma neta preferida que ela imaginava deusa, era a
51	única a pôr defeito nos cabelos de Maria.
52	– Você não vem dormir também? – ela perguntou com fragor, interrompendo o meu silêncio
53	trágico.
54	– Já vou – que eu disse – estou conferindo a conta do armazém.

55	Fui me aproximando incomparavelmente sem vontade, sentei no chão tomando cuidado em sequer
56	tocar no vestido, puxa! também o vestido dela estava completamente assustado, que dificuldade! Pus a
57	cara no travesseiro sem a menor intenção de.
58	Mas os cabelos de Maria, assim era pior, tocavam de leve no meu nariz, eu podia espirrar, marido
59	não espirra. Senti, pressenti que espirrar seria muito ridículo, havia de ser um espirrão enorme, os
60	outros escutavam lá da sala-de-visita longínqua, e daí é que o nosso segredo se desvendava todinho.
61	Fui afundando o rosto naquela cabeleira e veio a noite, senão os cabelos (mas juro que eram
62	cabelos macios) me machucavam os olhos. Depois que não vi nada, ficou fácil continuar enterrando a
63	cara, a cara toda, a alma, a vida, naqueles cabelos, que maravilha! até que o meu nariz tocou num
64	pescoquinho roliço. Então fui empurrando os meus lábios, tinha uns bonitos lábios grossos, nem eram
65	lábios, era beijo, minha boca foi ficando encanudada até que encontrou o pescoquinho roliço. Será que
66	ela dorme de verdade?... Me ajetei muito sem-cerimônia, mulherzinha! e então beijei. Quem falou que
67	este mundo é ruim! só recordar... Beijei Maria, rapazes! eu nem sabia beijar, está claro, só beijava
68	mamães, boca fazendo bulha, contato sem nenhum calor sensual.
69	Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima inclinação pra trás me fez sentir que Maria estava
70	comigo em nosso amor. Nada mais houve. Não, nada mais houve. Durasse aquilo uma noite grande,
71	nada mais haveria porque é engraçado como a perfeição fixa a gente. O beijo me deixara
72	completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus
73	escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doia no chão, mas a
74	luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando.
75	Tia Velha, nunca eu gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito
76	bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio.
77	– Levantem!... Vou contar pra sua mãe, Juca!
78	Mas eu, levantando com a lealdade mais cínica deste mundo!
79	– Tia Velha me dá um doce?
80	Tia Velha – eu sempre detestei Tia Velha, o tipo da bondade Berlitz, injusta, sem método – pois
81	Tia Velha teve a malvadeza de escorrer por mim todo um olhar que só alguns anos mais tarde pude
82	compreender inteiramente. Naquele instante, eu estava só pensando em disfarçar, fingindo uma
83	inocência que poucos segundos antes era real.
84	– Vamos! saiam do quarto!
85	Fomos saindo muito mudos, numa bruta vergonha, acompanhados de Tia Velha e os pratos que ela
86	viera buscar para a mesa de chá.
87	O estranhíssimo é que principiou, nesse acordar à força provocado por Tia Velha, uma indiferença
88	inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse mesmo chá
89	inda achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozno.
	ANDRADE, Mário de. Vestida de preto. In: LOPES, Telê. <i>Os melhores contos de Mário de Andrade</i> . São Paulo: Global, 1988.

Em função de o texto ser um pouco mais longo do que os que, possivelmente, os alunos trabalham em sala de aula, fazer uma leitura do texto orientada pela professora e subdividida em três partes. Com certa dramaticidade, conduzir a leitura com interrupções explicativas, a fim de que o conto não se torne cansativo.

Leia o texto:

6º momento:

Solicitar que os alunos respondam às questões propostas, a fim de entenderem a primeira parte do texto.

Responda às seguintes questões sobre a primeira parte do texto “Vestida de preto”:

1) A primeira parte do conto “Vestida de preto” expõe uma fase muito importante no desenvolvimento humano. Que fase é essa? Que características físicas e psicológicas podem ser destacadas de uma pessoa nessa época da vida?

2) Na segunda e terceira linhas do texto, o narrador fala sobre um “grande amor [...] que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos”. Com relação a essa citação, quem o narrador amou naquela época? Por quê?

3) O pronome “aquilo” (l. 14) resgata uma ideia apresentada pelo narrador no parágrafo em que esse termo se encontra. Resuma essa ideia.

4) Tia Velha aprovava o “brincar de família” para evitar “correria e estragos” em sua casa, “aquela casa sem jardim” (l. 18). Que brincadeiras seriam essas? Enumere algumas lembrando-se da sua infância.

5) Na l. 37-38, o autor se autocorrige no seguinte trecho: “Crime não, ‘pecado’.” Essa correção mostra em que sistema religioso sua família vive. Qual é? Por quê?

6) Da l. 52 a l. 64, o narrador deixa seus pensamentos ficarem transparentes na narrativa, como se estivesse conversando com alguém ao contar sua história. Copie do texto essas citações identificando que sinal de pontuação ajudou você nessa busca.

7) O autor faz uso de algumas metáforas no texto. Que sentido você estabeleceria para esclarecer o significado delas no texto? Ou seja, de que outra maneira você escreveria a mesma informação?

- a) “os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro” (l. 34):
- b) “travesseiro ter piedade de mim” (l. 42):
- c) “cabeleira explodindo” (l. 49):
- d) “famosos cabelos assustados” (l. 49):
- e) “silêncio trágico” (l. 53):
- f) “veio a noite” (l. 61):
- g) “minha boca foi ficando encanudada” (l. 65):

7º momento:

Dividir a turma em dois grupos (meninos e meninas, se for possível) e propor a produção de dois cartazes grandes. A intenção é expor para o restante da escola que a obra de Mário de Andrade é possível para qualquer um ler, pois, talvez pela primeira vez na Literatura brasileira, em seu

tempo, esse autor aproximou sua escrita da linguagem popular.

90	Vestida de preto (1943) Mário de Andrade
91	(SEGUNDA PARTE)
92	Dez, treze, quatorze anos...Quinze anos. Foi então o insulto que julguei definitivo.Eu
93	estava fazendo um ginásio sem gosto, muito arrastado, cheio de revoltas íntimas,
94	detestava estudar. Só no desenho e nas composições de português tirava as melhores
95	notas. Vivía nisso: dez nestas matérias, um, zero em todas as outras. E todos os anos era
96	aquela já esperada fatalidade: uma, duas bombas (principalmente em matemáticas) que
97	eu tomava apenas o cuidado de apagar nos exames de segunda época.
98	Gostar, eu continuava gostando muito de Maria, cada vez mais, conscientemente
99	agora. Mas tinha uma quase certeza que ela não podia gostar de mim, quem gostava de
100	mim!... Minha mãe... Sim, mamãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a
101	imaginar que era só por obrigação. Papai, esse foi sempre insuportável, incapaz de uma
102	carícia. Como incapaz de uma repreensão também. Nem mesmo comigo, a tara da
103	família, ele jamais ralhou. Mas isto é caso pra outro dia. O certo é que, decidido em
104	minha desesperada revolta contra o mundo que me rodeava, sentindo um orgulho de
105	mim que jamais buscava esclarecer, tão absurdo o presentia, o certo é que eu já
106	princiPIAVA me aceitando por um caso perdido, que não adiantava melhorar.
107	Esse ano até fora uma bomba só. Eu entrava da aula do professor particular, quando
108	enxerguei a saparia na varanda e Maria entre os demais. Passei bastante encabulado,
109	todos em férias, e os livros que eu trazia na mão me denunciando, lembrando a bomba,
110	me achincalhando em minha imperfeição de caso perdido. Esbocei um gesto falsamente
111	alegre de bom-dia, e fui no escritório pegado, esconder os livros na escrivaninha de meu
112	pai. Ia já voltar para o meio de todos, mas Matilde, a peste, a implicante, a deusa
113	estúpida que Tia Velha perdia com suas preferências:
114	– Passou seu namorado, Maria.
115	– Não caso com bombeado – ela respondeu imediato, numa voz tão feia, mas tão
116	feia, que parei estarecido. Era a decisão final, não tinha dúvida nenhuma. Maria não
117	gostava mais de mim. Bobo de assim parado, sem fazer um gesto, mal podendo respirar.
118	Aliás um caso recente vinha se ajuntar ao insulto pra decidir de minha sorte. Nós
119	seríamos até pobretões, comparando com a família de Maria, gente que até viajava na
120	Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao
121	casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. Houvera um
122	rompimento de amizade, mal-estar na parentagem toda, o caso virara escândalo
123	mastigado e remastigado nos comentários de hora de jantar. Tudo por causa do
124	dinheiro.
125	Se eu insistisse em gostar de Maria, casar não casava mesmo, que a família dela não
126	havia de me querer. Me passou pela cabeça comprar um bilhete de loteria. “Não caso
127	com bombeado”... Fui abraçando os livros de mansinho, acariciei-os junto ao rosto,
128	pousei a minha boca numa capa, suja de pó suado, retirei a boca sem desgosto. Naquele
129	instante eu não sabia, hoje sei: era o segundo beijo que eu dava em Maria, último beijo,
130	beijo de despedida, que o cheiro desagradável do papelão confirmou. Estava tudo
131	acabado entre nós dois.
132	Não tive mais coragem pra voltar à varanda e conversar com... os outros. Estava
133	com uma raiva desprezadora de todos, principalmente de Matilde. Não, me parecia que
134	já não tinha raiva de ninguém, não valia a pena, nem de Matilde, o insulto partira dela,
135	fora por causa dela, mas eu não tinha raiva dela não, só tristeza, só vazio, não sei... creio
136	que uma vontade de ajoelhar. Ajoelhar sem mais nada, ajoelhar ali junto da
137	escrivaninha e ficar assim, ajoelhar. Afinal das contas eu era um perdido mesmo, Maria
138	tinha razão, tinha razão, tinha razão, que tristeza!

Cada cartaz terá como início uma frase do texto, sendo as seguintes: “Minha impressão é que tenho amado sempre” (l. 5) e “É engraçado como a perfeição fixa a gente” (l. 71). Os alunos completarão diferentes sentidos, pois as frases serão seguidas da conjunção coordenativa “porque”. O conjunto de frases será exposto no corredor da escola.

8º momento:

Leitura orientada da segunda parte do texto, lembrando, antes disso, a primeira parte do texto.

9º momento:

Solicitar que os alunos respondam às questões propostas, a fim de entenderem a segunda parte do texto.

Responda às seguintes questões sobre a segunda parte do conto “Vestida de preto”:

1) Alguns termos dessa parte do conto podem parecer diferentes e/ou estranhas ao conhecimento de colégio que vivemos no momento. Termos e/ou expressões como “ginásio” (l. 94), “composições de português” (l. 95), “bombas” (l. 97) e “exames de segunda época” (l. 98). Pesquise com seus pais e avós o que essas expressões significam e compare com o sistema educacional atual. Há muitas mudanças comportamentais ou só os nomes mudaram?

2) O narrador expõe que estudar era um ato “sem gosto, muito arrastado” e que ele era um adolescente “cheio de revoltas íntimas, (pois) detestava estudar” (l. 94-5). Há um trecho do texto que dá algumas informações sobre o pai do narrador, o Juca. Construa um esquema com as

características maternas e paternas que podem ser vistas no texto.

139	3) O sexto parágrafo deste trecho expõe uma situação
140	social típica da época, que se justifica com a última frase
141	(TERCEIRA PARTE)
142	Foi o fim? Agora é que vem o mais esquisito de tudo, ajuntando anos pulados. Acho que até não
143	consigo contar bem claro tudo o que sucedeu. Vamos por ordem: Pus tal firmeza em não amar
144	Maria mais, que nem meus pensamentos me traíram. De resto a mocidade raiava e eu tinha tudo
145	a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar o meu jeito de “perdido”, o
146	cultivando mesmo, ginásio acabado, eu principiara gostando de estudar. Me batera, súbito,
147	aquela vontade irritada de saber, me tornara estudiosíssimo. Era mesmo uma impaciência
148	raivosa, que me fazia devorar bibliotecas, sem nenhuma orientação. Mas brilhava, fazia
149	conferências empoladas em sociedades de rapazes, tinha idéias que assustavam todo o
150	mundo. E todos principiavam maldando que eu era muito inteligente mas perigosos.
151	Maria, por seu lado, parecia uma doida. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos
152	fica noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra
153	dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com
154	alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada européia com o
155	secretário chique seu marido.
156	Às vezes meio tonto com estes acontecimentos fortes, acompanhados meio de longe, eu me
157	recordava do passado, mas era só pra sorrir da nossa infantildade e devorar numa tarde um livro
158	incompreensível de filosofia. De mais a mais, havia Rose pra de-noite, e uma linda namoradinha
159	oficial, a Violeta. Meus amigos me chamavam de “jardineiro”, e eu punha na coincidência
160	daquelas duas flores uma força de destinação fatalizada. Tamanha mesmo que topando numa
161	livraria com The Gardener de Tagore, comprei o livro e comecei estudando o inglês com
162	loucura. Mário de Andrade conta num dos seus livros que estudou o alemão por causa dum
163	menino gordilho... e também: meu inglês nasceu duma Violeta e duma Rose.
164	Não, nasceu de Maria. Foi quando uns cinco anos depois, Maria estava pra voltar pela
165	primeira vez ao Brasil, a mãe dela, queixosa de tamanha ausência, conversando com mamãe na
166	minha frente, arrancou naquele seu jeito de gorda desabrida:
167	– Pois é, Maria gostou tanto de você, você não quis!... e agora ela vive longe de nós.
168	Pela terceira vez fiquei estarrecido neste conto. Percebi tudo num tiro de canhão. Percebi ela
169	doidejando, noivando com um, casando com outro, se atordando com dinheiro e brilho. Percebi
170	que eu fora uma besta, sim agora que principiava sendo alguém, estudando por mim fora dos
171	ginásios, vibrando em versos que muita gente já considerava. E percebi horrorizado, que Rose!
172	nem Violeta, nem nada! era Maria que eu amava como louco! Maria é que amara sempre, como
173	louco: ôh como eu vinha sofrendo a vida inteira, desgraçadíssimo, aprendendo a vencer só de
174	raiva, me impondo ao mundo por despique, me superiorizando em mim só por vingança de
175	desesperado. Como é que eu pudera me imaginar feliz, pior: ser feliz, sofrendo daquele jeito!
176	Eu? eu não! era Maria, era exclusivamente Maria toda aquela superioridade que estava
177	aparecendo em mim... E tudo aquilo era uma desgraça muito cachorra mesma. Pois não
178	andavam falando muito de Maria? Contavam que pintava o sete, ficara célebre com as
179	extravagâncias e aventuras. Estivera pouco antes às portas do divórcio, com um caso
180	escandaloso por demais, com um pintor de nomeada que só pintava efeitos de luz. Maria falada,
181	Maria bêbeda, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nua...
182	Se dera como que uma transposição de destinos... E tive um pensamento que ao menos me
183	salvou no instante: se o que tinha de útil agora em mim era Maria, se ela estava se
184	transformando no Juca imperfeitíssimo que eu fora, se eu era apenas uma projeção dela, como
185	ela agora apenas uma projeção de mim, se nos trocáramos por um estúpido engano de amor: mas
186	ao menos que eu ficasse bem ruim, mas bem ruim mesmo outra vez pra me igualar a ela de
187	novo. Foi a razão da briga com Violeta, impiedosa, e a farra dessa noite – bebedeira tamanha
188	que acabei ficando desacordado, numa série de vertigens, com médico, escândalo, e choro largo
189	de mamãe com minha imã.
190	Bom, tinha que visitar Maria, está claro, éramos “gente grande” agora. Quando soube que ela
191	devia ir a um banquete, pensei comigo: “ótimo, vou hoje logo depois de jantar, não encontro ela
192	e deixo o cartão”. Mas fui cedo demais. Cheguei na casa dos pais dela, seriam nove horas, todos

193	aqueles requiñifês de gente ricaça, criado que leva cartão numa salva de prata etc. Os da casa estavam
194	ainda jantando. Me introduziram na saletinha da esquerda, uma espécie de luis-quinze muito sem-
195	vergonha, dourado por inteiro, dando pro hol central. Que fizesse o favor de esperar, já vinham.
196	Contemplando a gravura cor-de-rosa, senti de supetão que tinha mais alguém na saleta, virei. Maria
197	estava na porta, olhando pra mim, se rindo, toda vestida de preto. Olhem: eu sei que a gente exagera
198	em amor, não insisto. Mas se eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda de
199	preto vestida, fantasticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarecido.
200	– Ao menos diga boa-noite, Juca...
201	“Boa-noite, Maria, eu vou-me embora”... meu desejo era fugir, era ficar e ela ficar mas, sim, sem
202	que nos tocássemos sequer. Eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me
203	prometendo tudo, me cedendo tudo quanto eu queria, naquele se deixar olhar, sorrindo leve, mãos
204	unidas caindo na frente do corpo, toda vestida de preto. Um segundo, me passou na visão devorá-la
205	numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível. Porém, não havia dúvida: Maria despertava em
206	mim os instintos da perfeição. Balbuciei afinal um boa-noite muito indiferente, e as vozes amontoadas
207	vinham do hol, dos outros que chegavam.
208	Foi este o primeiro dos quatro amores eternos que fazem de minha vida uma grave
209	condensação interior. Sou falsamente um solitário. Quatro amores me acompanham, cuidam de mim,
210	vêm conversar comigo. Nunca mais vi Maria, que ficou pelas Europas, divorciada afinal, hoje dizem
211	que vivendo com um austriaco interessado em feiras internacionais. Um aventureiro qualquer. Mas
212	dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade.
213	
214	

do parágrafo: “Tudo por dinheiro” (l. 124-5). Você acredita que os acontecimentos expostos pelo narrador em “Vestida de preto” ainda acontecem nos dias de hoje? Se sim, são atitudes com o mesmo formato? Justifique.

10º momento:

Leitura orientada da terceira e última parte do texto, lembrando, antes disso, as outras partes do texto.

Responda às seguintes questões sobre a terceira parte e sobre todo o texto “Vestida de preto”:

1) Quanto à estrutura-base do texto:

- a) quem são os personagens?
- b) quanto tempo dura a história do conto?
- c) qual é (ou são) a(s) parte(s) mais excitantes do texto (o clímax)?

- d) quais são os espaços onde ocorre a história?
- e) qual é o tipo de narrador?

2) Existe uma relação entre as vestes de Maria no texto. Seu primeiro vestido é considerado como “assustado” (l. 56) e o vestido que Maria veste no fim do texto é “preto” (l. 205). Essas qualidades ajudam a caracterizar as diferentes fases da vida da personagem?

3) No fim do texto, vemos que os personagens principais, Maria e Juca, passaram por mudanças bruscas. Como afirma o narrador, houve uma “transposição de destinos” (l. 182). Que mudanças foram essas? Explique resgatando termos do texto.

4) Na l. 158, há a deflagração de uma situação social muito comum na sociedade, mas que sempre é escondida. Que situação conflitante é essa?

5) Na linha 168, o narrador se confessa “pela terceira vez [...] estarecido neste conto”. Quais são as duas outras causas do estarecimento do narrador?

6) Como você interpretaria a última frase do texto “Vestida de preto”? O que você acredita ser a “banalidade” (l. 214) da qual Juca não quis falar explicitamente?

11º momento:

***Estudando o Pós-Modernismo
e a Contemporaneidade...***

[...] é comum a todos os narradores o à-vontade com que se movem pelos vários graus da sua experiência, como quem sobe e desce uma escada. Uma escada que leva até às profundezas da terra e se perde nas nuvens, é a imagem de uma experiência coletiva para a qual, mesmo o choque mais violento de cada experiência individual – a morte – não representa qualquer escândalo ou barreira.

WALTER BENJAMIN

Proposta 1

Numa tentativa de comparação entre aspectos temáticos dos textos, solicitar aos alunos que esquematizem semelhanças entre o texto “Vestida de preto” e o poema “Mulher em todos os tempos”.

A unidade teria continuidade com o estudo de outro poema: “Mulher em todos os tempos”, de Murilo Mendes.

Referências

ANDRADE, Mário de. Moça linda bem tratada. In: _____. *Poesia completa*. Edição crítica de Dileia Manfro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ANDRADE, Mário de. Vestida de preto. In: LOPES, Telê. *Os melhores contos de Mário de Andrade*. São Paulo: Global, 1988.

*A proposta da professora-estagiária **Natália Brambatti Guzzo** é proporcionar o contato dos alunos com diferentes contos da Literatura brasileira que explorem o humor e a ironia, e assim instrumentalizá-los a perceberem as estratégias de construção do texto literário, como a ficcionalidade, a literariedade, os elementos da narrativa e também as críticas sociais que permeiam as narrativas. Para isso, Natália utiliza três contos: “O homem nu”, de Fernando Sabino, “Uma galinha”, de Clarice Lispector, e “Passeio noturno”, de Rubem Fonseca. As atividades de compreensão e interpretação das propostas visam ao aprimoramento da leitura do texto, tendo como*

base a percepção das peculiaridades da obra literária, e, com isso, a fruição estética.

A seguir, apresenta-se com base na proposta de estudo na íntegra. Tal proposta vale-se de orientação metodológica de Aguiar e Bordini (1988) e de Saraiva (2001).

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1. DETERMINAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Em conversa com a professora titular a respeito das preferências literárias dos alunos, a professora estagiária foi informada de que a turma não parece gostar mais de um ou outro gênero literário. A professora titular observou que mitos, textos de humor e de mistério são bem-aceitos, assim como o são obras de outros gêneros literários. Devido à mudança de turma e de horários, não foi aplicado um questionário para averiguar as preferências dos alunos e, portanto, a seleção de texto tentou contemplar a percepção da professora da escola.

2. ATENDIMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Operacionalização (texto “O homem nu”):

1. A professora pergunta aos alunos se eles já passaram (ou conhecem alguém que tenha passado) por uma situação constrangedora e que, depois de algum tempo, ao ser contada para outras pessoas, tornou-se engraçada.

2. A professora conta a história de um casal de ingleses que foi passar um dia na França e acabou se perdendo, voltando à Inglaterra seis dias depois do início da viagem.

3. A professora lança as seguintes questões:

– Vocês acham que situações de humor podem ser planejadas (isto é, tem hora para acontecer) ou acontecem

em momentos inesperados (ou seja, simplesmente acontecem)?

– O que, para você, torna uma situação engraçada?

3. RUPTURA DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

4. A professora afirma que situações cotidianas inusitadas e engraçadas podem ser tema de contos e de outros gêneros literários, como crônicas, poemas e romances. A professora escreve o título do conto a ser lido (“O homem nu”) no quadro e conta um pouco sobre a vida e a obra do autor, Fernando Sabino. Em seguida, pergunta aos alunos:

– O título do texto é “O homem nu”. O que vocês acham que a história vai contar?

– Pelo título, vocês imaginam que seja um conto de mistério, de terror, de humor, de aventura...?

– Será que a história se passa numa cidade ou no interior?

– Será que, além do homem nu, existem outros personagens?

– Será que a história se passa pela manhã, à tarde ou à noite? Se acontecer à noite, o que podemos imaginar a respeito do homem nu, especialmente se ele estiver à solta em uma cidade?

– Será que o narrador também é personagem do texto?

5. A professora distribui as fotocópias do conto para os alunos e realiza a leitura do texto em voz alta. Após a leitura, a professora lança os seguintes questionamentos:

– O conto tem relação com nossas expectativas?

– Que efeitos o conto provoca no leitor?

– O homem nu tem nome?

– Há diálogos ao longo do texto?

6. A professora convida os alunos a lerem o conto novamente; dessa vez em silêncio, e distribui-lhes o questionário apresentado a seguir para ser respondido:

a) Quem são os personagens do conto? Qual é o personagem principal? Retire do conto trechos que caracterizem a personalidade desse personagem.

b) No conto, há um personagem que auxilia o homem nu e personagens que se opõem a ele. Relacione os personagens abaixo (coluna da esquerda) à sua característica com relação ao homem nu (coluna da direita):

(1) Maria, a esposa () Personagem auxiliar

(2) Velhinha () Personagem opositora

c) Maria, ao longo do conto, torna-se um personagem opositor ao homem nu? Justifique sua resposta com trechos retirados do texto.

d) Observe o diálogo: “– Olha, que horror! – Não olha não! Já pra dentro, minha filha!”, e diga de que personagens são essas falas. Qual é a função desses personagens no conto?

e) Onde se passa o conto? Como esse(s) lugar(es) é(são) descrito(s)? A descrição é longa e detalhada?

f) A história do conto dura pouco ou muito tempo? Em que período do dia ela acontece?

g) O narrador do conto também é personagem ou ele narra o conto com certo distanciamento?

h) No início do conto, o homem comunica uma decisão à Maria, sua esposa. Que decisão é essa? Como ela afeta o rumo da história?

i) Com o auxílio das palavras abaixo, elabore um resumo do conto. Não se esqueça de apresentar os fatos na ordem

em que eles ocorreram e de apontar os momentos de angústia pelos quais o homem nu passou.

MANHÃ – PÃO – ELEVADOR – VELHINHA –
APARTAMENTO (DO HOMEM NU)

j) O homem nu, no conto, passa por momentos de confusão e pânico e, mais tarde, de alívio. Retire do conto um trecho que aponte que o personagem está confuso e outro que indique que ele se sente mais aliviado.

CONFUSO _____

ALIVIADO _____

~~k) Se o conto se passasse em outro lugar e em outro tempo e tivesse outras personagens, seu efeito seria o mesmo? Justifique sua resposta.~~

l) No fim do texto, há uma ironia. Identifique-a e explique-a.

7. A professora também apresenta aos alunos questões de interpretação acerca da narrativa:

m) Como era a vida do homem nu? Como era seu relacionamento com Maria?

n) O homem nu não tem nome. Aponte razões para essa escolha do autor.

o) O homem nu, no conto, não conseguiu fugir do cobrador, pois quando pensou que quem batia à porta era a polícia, lá estava o sujeito para cobrá-lo. De acordo com o que você leu no texto e com seu conhecimento de mundo, é possível afirmar que muitas vezes a natureza parece conspirar contra daqueles que procuram esconder alguma coisa? Você acha que é aconselhável assumir

compromisso com a verdade ou esconder-se atrás de uma mentira?

p) Onde está o humor no texto? Em que trechos?

8. Na leitura das questões, após sua resolução, a professora tece comentários a respeito dos elementos das narrativas e acrescenta questões para serem discutidas. Na letra a), pergunta: O homem nu é descrito fisicamente? Por que vocês acham que ele não é descrito fisicamente? Na letra e), pergunta: O conto se passa numa cidade grande, numa cidade pequena ou no interior? Que trechos do texto indicam isso? Na letra f), indaga: Em que época se passa o conto? Como se pode concluir isso? Na letra k), pergunta: Se o homem nu continuasse na história, como ela seria? Se o homem nu passasse a “homem vestido”, a história perderia seu sentido?, e comenta que, se o homem deixasse de estar nu, o conto perderia seu caráter inusitado.

9. Depois de as questões serem conferidas, a professora indaga aos alunos o que eles conhecem sobre Kafka e o “Regime do terror”, que são citados no conto. Apresenta dados sobre o texto e o autor como sugestão de leitura, visando à ampliação de leituras dos estudantes.

Operacionalização (“Uma galinha”):

1. A professora inicia a conversa discorrendo sobre animais de estimação. Propõe perguntas, como:

- Vocês têm animais de estimação? Quais? De que espécie?
- Quais são os animais de estimação mais comuns?
- Vocês conhecem alguma pessoa que tenha um animal de estimação exótico?
- Vocês teriam um animal exótico?

– Vocês consideram vacas, galinhas, ovelhas, porcos como animais de estimação?

2. A professora anuncia que o conto que será lido a seguir se chama “Uma galinha”, de Clarice Lispector. A professora comenta brevemente sobre a autora e suas obras e depois pergunta aos alunos:

- Qual deverá ser a temática do texto? Será que é um texto de mistério, de humor, de aventura...?
- Quais poderão ser os personagens do texto?
- Onde e quando será que se passa a história?
- Será que o narrador também é personagem do texto?
- Será que a galinha é um bicho de estimação no conto?

3. A professora distribui as fotocópias do conto entre os alunos. A professora lê o conto em voz alta (ou pede que alguns dos alunos o façam).

4. Após a leitura do conto, a professora lança as seguintes perguntas:

- O conto condiz com nossas expectativas?
- Que efeitos o conto provoca no leitor?

5. A professora entrega o seguinte questionário aos alunos, após estes realizarem uma nova leitura, dessa vez silenciosa, do conto.

- a) A galinha pode ser considerada personagem do conto? Como seu temperamento é caracterizado?
- b) A galinha tem momentos de apatia e de sobressalto. Retire do texto um trecho que indique apatia e outro que indique sobressalto.

A P A T I A

SOBRESSALTO

c) A galinha é comparada a um galo pelo narrador. Na tabela abaixo, enumere os elementos dessa comparação.

GALINHA

GALO

d) Como se comportam os demais personagens com relação à galinha? Qual a reação deles quando a galinha põe o ovo?

e) Em que cenários se desenrola a narrativa? Como esses cenários são descritos pelo narrador?

f) Os acontecimentos narrados no conto duram um só dia ou duram mais tempo? Justifique sua resposta com expressões de tempo presentes no texto.

g) No final do conto está a expressão “até que um dia”. É possível, com base nessa expressão, afirmar quanto tempo se passou desde o início da narrativa?

h) O narrador participa da história?

i) Organize os itens a seguir na ordem em que estes são narrados no conto, a fim de montar um pequeno resumo da história.

() A galinha foi adotada pela família, escapando da morte.

() O pai da família saiu no encalço da galinha.

- () A galinha voou para o telhado de uma das casas vizinhas.
- () A galinha estava encolhida num canto da cozinha.
- () A galinha botou um ovo.
- () A galinha foi morta.
- () A galinha foi capturada e levada de volta para a cozinha.

k) Após botar o ovo, a galinha chocou-o “abotoando e desabotoando os olhos”. O que esse trecho aponta, quanto ao comportamento da galinha?

6. Em seguida, a professora distribui as seguintes questões de interpretação:

k) Por que, no início do conto, está a afirmação “Era uma galinha de domingo”?

l) A galinha estava “inconsciente da vida que lhe fora entregue”. Explique esse trecho, indicando o que a galinha poderia ter feito para continuar viva.

m) Explique a ironia do trecho “Sua única vantagem é que havia outras tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora ela mesma”, relacionando-o à última frase do texto (“Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.”)

n) A família deu nome à galinha? Isso indica que ela era ou não era considerada como animal de estimação?

o) Se a galinha fosse uma pessoa, como ela se comportaria? Qual seria a reação dos outros seres humanos com relação a ela?

4. QUESTIONAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Operacionalização (“Passeio noturno” – Parte 1):

1. A professora pergunta aos alunos:

– Vocês conheceram pessoas que parecem ser o que na verdade não são?

– Vocês concordam com o ditado “Dinheiro não traz felicidade”?

– Vocês concordam com o ditado “As aparências enganam”?

– Vocês acham que, em média, as pessoas ricas são mais felizes que pessoas de classe média ou baixa?

– Como você definiria uma pessoa hipócrita?

2. A professora anuncia que o conto que será lido na aula é “Passeio noturno” – Parte 1, de Rubem Fonseca. A professora faz breves comentários sobre a vida e a obra do autor. Em seguida, pergunta:

– O que vocês esperam com a leitura desse conto?

– Esse será um texto de terror, humor, aventura, suspense...?

– O que poderá acontecer nesse passeio noturno?

– Quais serão as personagens envolvidas?

– Será que o conto se passa numa cidade grande, numa cidade pequena, no interior?

3. A professora distribui as cópias do conto entre os alunos e realiza a leitura em voz alta.

4. Após a leitura, faz as seguintes questões:

– O texto está de acordo com nossas expectativas?

– Que reações o texto provoca no leitor?

– O texto perturbou vocês de alguma forma?

5. A professora pede que os alunos façam uma leitura silenciosa do conto e respondam ao seguinte questionário:

- a) Quem é o narrador do conto? Qual é a relação dele com os demais personagens?
- b) Retire do conto trechos que indiquem como era a vida do narrador e de sua família.
- c) Retire do conto frases, expressões ou palavras que apontem o nervosismo do narrador e frases, expressões ou palavras que indiquem que ele está mais calmo.

NERVOSO

CALMO

d) O narrador passa de nervoso a calmo ao longo do conto. Indique em que trecho do texto ocorre essa transformação.

e) A história se passa no eixo CASA-PASSEIO-CASA. Com base nesses elementos, elabore um pequeno resumo do conto.

f) “Ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia.” Que relação essa frase tem com o desfecho do conto?

g) Quanto tempo dura a história do conto?

h) Como os diálogos são apresentados ao longo do texto?

6. A professora também apresenta as seguintes questões de interpretação:

i) Você acha que na família do narrador há amor ou o relacionamento entre as pessoas envolve outros interesses? Justifique sua resposta com um trecho retirado do conto.

j) O ditado “As aparências enganam” se aplica a esse conto? Explique.

k) O conto apresenta várias ironias. Aponte algumas dessas ironias e explique-as.

l) Pode-se dizer que o narrador é hipócrita? Por quê? Podemos entender a hipocrisia também como característica da família do narrador e da sociedade?

m) O humor utilizado em alguns trechos do texto é um pouco diferente. Como o humor é construído no texto? Que efeitos ele provoca no leitor?

7. A professora apresenta o seguinte exercício, para a comparação dos três contos lidos durante a unidade:

5. AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Após a leitura dos contos e a realização de exercícios de compreensão e interpretação sobre eles, a professora convidará os alunos a desenvolverem uma das seguintes atividades:

A) Faça um conto de humor, utilizando-se de um dos temas a seguir:

– A personagem principal viaja a um país estrangeiro sem

1 **O homem nu**
2 **Fernando Sabino**

3 Ao acordar, disse para a mulher.

4 – Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito
5 com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a
6 nenhum.

7 – Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

8 – Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as
9 minhas obrigações. Escuta: quanto ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho,
10 para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

11 Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho,
12 mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a
13 água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente
14 nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o
15 embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo.
16 Não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si
17 fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

18 Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera,
19 olhando ansiosamente ao redor. Ouvia lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-
20 se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da
21 televisão. Bateu com o nó dos dedos.

22 – Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

23 Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

24 Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir
25 lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

26 Não era. Refugiado no lanço de escada entre os andares, esperou que o elevador
27 passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o
28 embrulho de pão:

29 – Maria, por favor! Sou eu!

30 Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindo
31 lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido,
32 embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal-ensaiado. Os passos na escada
33 se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi
34 o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de
35 mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho
36 do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

37 – Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

38 E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo,
39 podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo
40 levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro
41 pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime
42 do Terror!

43 – Isso é que não – repetiu, furioso.

44 Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a
45 parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava.
46 Depois experimentou apertar o botão de seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o
47 elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar!” Muito bem. E agora? Iria subir ou
48 descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em
49 fazer o elevador subir. O elevador subiu.

50 – Maria! Abre esta porta! – gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma
51 cautela. Ouvia que outra porta se abria atrás de si. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro
52 no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do
53 apartamento vizinho:

54 – Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

55 A velha estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

56 – Valha-me Deus! O padeiro está nu!

57	E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:
58	– Tem um homem pelado aqui na porta!
59	Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:
60	– É um tarado!
61	– Olha, que horror!
62	– Não olha não! Já pra dentro, minha filha!
63	Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um
64	foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois,
65	restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.
66	– Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.
67	Não era: era o cobrador da televisão.
	Referência
	SABINO, Fernando. O homem nu. In: MORICONI, Ítalo (Org.). <i>Os cem melhores contos brasileiros do século</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

1	Uma galinha
2	Clarice Lispector
3	Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.
4	Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para
5	ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua
6	intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se
7	adivinharia nela um anseio.
8	Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em
9	dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da
10	cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo
11	desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora
12	noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma
13	chaminé. O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente
14	algum esporte e de almoçar vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o
15	itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta hesitante e trêmula
16	escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a
17	telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem
18	pela vida da galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum
19	auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adomecido. E por mais ínfima que
20	fosse a presa o grito de conquista havia soado.
21	Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes,
22	na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com
23	dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.
24	Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia
25	nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia
26	contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista.
27	Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo
28	instante outra tão igual como se fora a mesma.
29	Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre
30	gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das
31	telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um
32	pouco, em cacarejos roucos e indecisos.
33	Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida,
34	exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade,
35	parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando,
36	abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração tão pequeno num prato solevava e
37	abaixava as penas enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina
38	estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do
39	acontecimento despregou-se do chão e saiu aos gritos:
40	– Mãe, mãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!
41	Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente.
42	Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre nem triste, não era
43	nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a
44	filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca
45	ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:
46	– Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!
47	– Eu também! jurou a menina com ardor.
48	A mãe, cansada, deu de ombros.
49	Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A
50	menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha.
51	O pai de vez em quando ainda se interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em
52	quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha
53	tomara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o
54	terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobresalto.
55	Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de

56	uma pequena coragem, resquícios da grande fuga – e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás
57	da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e
58	vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.
59	Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o
60	ar à beira do telhado, prestes a enunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da
61	cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora
62	nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à
63	luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos
64	séculos.
65	Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.
	Referência
	LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: MORICONI, Ítalo (Org.). <i>Os cem melhores contos brasileiros do século</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

1 **Passeio noturno – Parte I**
2 **Rubem Fonseca**

3 Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas,
4 propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na
5 mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os
6 sons da casa: minha filha no quarto dela treinando imitação de voz, a música
7 quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha
8 mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

9 Fui para a biblioteca, o lugar onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz
10 nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava
11 apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade
12 e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso
13 mandar servir o jantar?

14 A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher
15 estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu
16 filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na
17 hora no licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.

18 Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que não ia, era hora da novela.
19 Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro
20 custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens
21 materiais, minha mulher respondeu.

22 Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o
23 meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois
24 carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram
25 levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial
26 duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfie a chave na
27 ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô
28 aerodinâmico. Sai, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta,
29 nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser,
30 muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar
31 ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia
32 ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o
33 alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos
34 emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho
35 de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava
36 depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a
37 exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu
38 que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio.
39 Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a
40 esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma
41 guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei
42 com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem
43 quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo desengonçado da mulher
44 havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de
45 subúrbio.

46 Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelo pára-lamas,
47 os pára-choques sem marca. Poucas pessoas, no muno inteiro, igualavam a minha
48 habilidade no uso daquelas máquinas.

49 A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?,
50 perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa
51 noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

Referência

FONSECA, Rubem. Passeio noturno – Parte I. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

conhecer a língua dos habitantes desse país. Ela precisa pegar um ônibus para uma localidade vizinha, mas entende mal as placas da estação e toma o ônibus errado, indo parar em um local totalmente diferente.

– A personagem principal compra um gel para cabelos da marca mais barata e, na noite em que ela precisa arrumar os cabelos para ir a uma festa, o produto queimou os fios da raiz às pontas. A personagem, então, tem de arranjar uma maneira de consertar o estrago feito pelo gel.

– Em um jogo de futebol, o personagem principal, que é funcionária da limpeza do estádio, é confundida com o jogador mais importante do time da casa. O personagem tenta explicar que não é o jogador, mas, como este não aparece para a partida (por um motivo qualquer), forçamo-nos a entrar em campo assim mesmo.

Lembre-se de acrescentar em seu conto os elementos da narrativa: personagens, tempo, espaço, narrador e o enredo.

B) Escolha um dos três contos lidos em aula e crie uma continuação para ele. Você poderá inventar outros personagens, e o conto poderá se passar em outros espaços e tempos. Lembre-se de que seu conto deve remeter ao conto original, para que o leitor possa associar um ao outro.

C) Reescreva o final de um dos três contos lidos. Se escolher “O homem nu”, parta da cena em que a velhinha avista a personagem principal nua no corredor do prédio. Se escolher “Uma galinha”, parta do momento em que a galinha bota o ovo que a salva da morte. Se escolher “Passeio noturno”, parta do trecho em que a personagem principal atropela a mulher que caminhava pela rua.

Contos estudados:

Palavras de síntese temporária...

Como instrumentalizar o estudante do Ensino Médio para ler literatura? Acreditamos que o estudante só poderá ser um leitor se conseguir entender, significar o que está sendo lido. Não basta a esse aluno decodificar o texto ou ainda lê-lo como se estivesse lendo um texto informativo.

O estudante tem o direito de ler literatura, mas, para pôr em prática esse direito, deve entender o funcionamento desse

Referências

LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SABINO, Fernando. O homem nu. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FONSECA, Rubem. Passeio noturno – Parte I. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

A literatura sai da casca: experiência da leitura literária no Ensino Médio

- Flávia Brocchetto Ramos
- Lovani Volmer
- Sabine Heller

objeto artístico. As propostas aqui apresentadas têm a intenção de mostrar uma vivência realizada por um grupo de estudantes de Letras da Universidade de Caxias do Sul. A meta dessas propostas, como já foi apontado, era propiciar ao leitor a interação com textos fundamentais da Literatura brasileira (respeitando a solicitação de autor ou período literário indicado pelo professor da turma). Essa interação é intencional, planejada pelo professor visando a instrumentalizar o estudante para conhecer o funcionamento do texto, perceber e ainda produzir sentidos para cada texto lido. Podemos afirmar que as unidades partem de textos mais acessíveis e almejam o estudo de outros mais complexos ou, ainda, que tentam respeitar o processo de entendimento do texto pelo leitor, partindo de atividade de pré-leitura, seguida de leitura, que corrobora ou não as hipóteses levantadas para o texto. As ações de compreensão abrangem dois momentos: primeiro, a analítica, que busca conhecer

* Professora e Pesquisadora no PPGEd e PPGLet/UCS. Doutora em Letras (PUCRS).

** Professora nos cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Feevale e diretora pedagógica da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação. Mestre em Letras (Unisc) e doutoranda em Letras (UCS).

*** Professora de Língua Portuguesa e Literatura, Fundação Evangélica e Faculdade IENH. Mestre em Letras (Unisc).

peculiaridades do funcionamento do texto, como o vocabulário, as relações entre orações, entre outros. O segundo é a compreensão sintética. De posse de aspectos da microestrutura do texto, o estudante é desafiado a entender a totalidade do texto, a síntese, no caso da narrativa, por exemplo, a relação entre as personagens, o papel da configuração do cenário para a realização da trama, entre outros. Por último, almeja-se que o estudante atualize o texto no contexto de recepção, ou seja, traga dados temáticos e estruturais e pense o texto hoje, na sua vida, no seu entorno.

As propostas não são definitivas; ao contrário, são o resultado de um momento de prática pedagógica vivenciada na Universidade. Não tem, portanto, o desejo de ser uma receita, apenas apresentam uma maneira de vivenciar o texto literário. A exposição da experiência é tanto um desejo de contribuir, como também o de ouvir outras vozes, no sentido de qualificar uma prática. Num mundo marcado por tantas inquietações, em que os alunos estão habituados a ouvir e ler textos informativos e não literários, temos que nos desafiar e encontrar caminhos para que, cada vez mais, a escola seja o espaço em que a voz do texto literário ecoe forte. Se literatura é um direito dos seres humanos, ajudá-los a ler e a entender esse objeto artístico é um dever também da escola.

As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos – uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia. (Alberto Manguel).

A organização curricular de uma escola diz respeito à decisão sobre saberes que devem ser destacados e/ou silenciados. Mesmo com orientação legal acerca da construção do currículo escolar e, conseqüentemente, do conhecimento e da cultura a ser priorizada, cada estabelecimento pode criar estratégias que visem ao atendimento das necessidades percebidas em sua realidade. Nesse sentido, constata-se que o estudante lê pouco e parece entender menos ainda, haja vista os resultados de

avaliações externas. Se a leitura, de um modo geral, é uma habilidade que a escola não tem conseguido efetivar, a leitura literária fica ainda mais à margem do processo de formação de um leitor autônomo. Algumas ações, no entanto, têm sido realizadas e revelam que é possível motivar o estudante do Ensino Médio a ler textos literários. Este texto, por exemplo, propõe-se a apresentar um relato de experiência educacional e analisá-lo.

1 Literatura como componente curricular

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, junto com o Plano Nacional de Educação (PNE) constituem o suporte para a os caminhos que deve seguir a educação brasileira. A LDB, em seu artigo 35, orienta o Ensino Médio como consolidador dos conhecimentos adquiridos na etapa anterior de escolaridade – Ensino Fundamental –, possibilitando o prosseguimento dos estudos, preparando o educando para o trabalho e para a cidadania, de modo que ele se constitua como sujeito autônomo, ético, de pensamento crítico e capaz de dar continuidade ao seu aperfeiçoamento. Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) pretendem ser um conjunto de orientações para que as escolas possam redimensionar os seus currículos, a fim de buscar uma formação geral dos educandos, de acordo com as demandas contemporâneas. Também propõem o desenvolvimento de competências e de habilidades básicas, bem como a configuração de condutas que promovam a participação dos jovens de maneira ativa, crítica e criativa nos contextos sociais em que estão inseridos.

Imbuídos desses objetivos e levando em conta a diversidade de objetos de estudo necessária ao Ensino Médio na atualidade,

¹⁵ Sobre o projeto, vários estudos foram realizados e divulgados. Destaca-se, em especial, a dissertação “Leitura de clássicos no ensino médio: possibilidades de cognição”, de Sabrine Elma Heller, disponível em: <http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/dissertacoes/2008/sabrine_heller.pdf>.

¹⁶ Os docentes que desencadearam o projeto foram Elizabeth Schmitz; Lovani Volmer e Sabrine Elma Heller e a Escola é parte integrante da Universidade Feevale. <www.feevale.br/escoladeaplicacao>.

face às mudanças no conhecimento e aos respectivos desdobramentos (mudanças nas relações sociais, nas relações de produção, nos avanços tecnológicos), os parâmetros estão organizados nas áreas do chamado “novo currículo”: Linguagens, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Humanas. Os diversos componentes foram assim reunidos por se constituírem a partir de objetos de estudo comuns, favorecendo a interdisciplinaridade, princípio indicado pelas determinações legais como fundamental para a educação básica. Almejam-se as relações entre conteúdos de ensino e situações de aprendizagem, de estabelecimento de interações entre as diversas disciplinas do currículo e a realidade pessoal e social. A busca é por uma educação de base que proporcione o desenvolvimento pessoal estruturado por componentes das linguagens, ciências e tecnologias, além dos históricos, sociológicos e filosóficos.

O caminho é apontado como alternativa em um mundo em constante mudança, para o qual se prepara mais do que sujeitos de saberes: a prática em sala de aula deve visar a sujeitos de aprendizagens que acessem com liberdade e propriedade os bens culturais, com aptidões para relacionar seus saberes, conferindo-lhes sentido.

No que diz respeito à Literatura, almeja-se que abranja a formação ética e estética, ou seja, o texto literário não deve ser tratado apenas como mais um dos gêneros textuais a serem abordados na escola. Quando os PCNEM trazem esse estudo como uma forma organizada de recuperar “as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial” (1999, p. 47), revelam o enfoque histórico ao ensino da Literatura, privilegiando a periodização literária em detrimento do estudo da literatura

¹⁷ A escola onde o Projeto foi idealizado é ciclada. Assim, essa etapa corresponde ao 2º ano do Ensino Médio.

como arte, isto é, como manifestação da identidade e da multiplicidade do ser humano.

Ter na leitura da Literatura um viés unicamente histórico é, salienta-se, relegar-lhe um espaço restrito de possibilidades na formação dos sujeitos-aprendentes. Em virtude dessa problemática, surgiu o projeto **A Literatura sai da casca**, a seguir apresentado.

2 Literatura na escola: o projeto “A Literatura sai da casca”¹⁵

No ano de 2002, as professoras de Língua Portuguesa e de Literatura da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação¹⁶ implementaram uma proposta diferenciada de leitura literária; estavam cansadas de constatar que os alunos apenas liam resumos de obras literárias. Cientes de que seu ensino não podia se restringir à transmissão de regras gramaticais ou a estudos com características das épocas literárias, buscavam alternativas para suas aulas. Era o início do projeto **A Literatura sai da casca**, um festival de cinema e literatura vinculado especificamente às disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura.

Para iniciar o trabalho, foi proposta a leitura de **contos de Machado de Assis** aos alunos da segunda etapa do primeiro ciclo do Ensino Médio.¹⁷ O projeto ocorreu com esse nível escolar por iniciarem o estudo da Literatura no ano anterior e, conseqüentemente, apresentarem determinados pré-requisitos para a efetivação do trabalho, como entendimento da diversidade de gêneros literários, conhecimentos mínimos acerca das funções da linguagem, sobre o contexto em que a obra escolhida se encontrava, entre outros.

Os alunos foram orientados a ler o máximo de contos possíveis durante certo prazo – cerca de um mês – e selecionar um que mais tivesse lhes despertado interesse, qualquer que fosse a natureza dessa escolha. A maioria das leituras foi extraclasse, mas, a cada semana, privilegiou-se um período para a leitura em sala de aula, no qual foi possível acompanhar o avanço – ou não – dos estudantes, fazer intervenções frente às dúvidas, orientar sobre outros textos, além de entendimento do

vocabulário e do contexto. Entre essas leituras, estudou-se a contextualização histórica e alguns elementos característicos da obra de Machado, mais precisamente de seus contos, o que também contribuiu para a seleção das narrativas a serem lidas. Aspectos como quem era o narrador do conto, como ele se colocou na narração, o que sobre o ser humano estava em enfoque na narrativa, qual recorte da sociedade era proposto pelo escritor e, em especial, a reflexão sobre o que um texto escrito há tanto tempo teria a nos dizer na atualidade conduziram as discussões e os debates em sala de aula, preparando para o passo seguinte.

Depois das reflexões descritas, os alunos foram desafiados a contar a história lida valendo-se de outro gênero textual: o roteiro cinematográfico. Frente a isso, assistiu-se a trechos de filmes, a cujos roteiros se teve acesso (parte de roteiros), fazendo comparações entre a história lida e a assistida. Instrumentalizados para a elaboração de roteiros, os estudantes, em duplas, criaram



o escolhido
texto original.
ntada pelas
recontagem”
e um gênero
ientar, era a
itro, no qual
que a leitura

lizadas com
l de roteiros

produzidos, em cada turma, a escolha de dois, para serem, então, efetivados em produção cinematográfica. A partir daí, as turmas envolvidas dividiram-se em equipes de produção: diretores,

Em Nome da Filha
 Baseado no conto "Contrabandista" de Simões Lopes Neto

Realização

Patrocinadores:

Direção: André Adolpho
 Produção: Rafael Longhi, Jacqueline Yamamoto
 Edição: Cleopatra, Marçal Hering
 Elenco: Bruna, Anderson Truff, Rafaela Paul, Natália Oliveira, Carolina Hoek, Luciano Nery, Norma Bluffen

A sorte está em jogo...

Suerte

"Suerte" baseado no conto "O Jogo da Sorte" de Simões Lopes Neto. Direção: ANIELA BUSTO. Produção: CATHARINA BUSTO. Elenco: SHERON PINHEIRO, BRUNA CRISTIANO RIBEIRO, FERNANDA L. RIBEIRO, ANDRÉIA B. SIKEMAYER, BIANCA C. TORRES, VANESSA OLIVEIRA, VÍRGILIO WILHEM.

Edição: PAVELCHEN ANDREA MACCELLINA, MARCOS GELLNER, ANDRÉAS E DEBASTANTES
 Música: MARINA MORAES
 Edição Especial: CAZALDO E ASSOCIADOS

Patrocinadores:

- AURCOR
- NECHAMP
- Hotel Suerte
- feevicle

Hereditária

Direção: Carolina Cossetto
 Co-dirigida: Nathalia Frohlich

Patrocinio:

- Ge feo
- ARBOREA
- feevicle
- VALINO

atores, figurinistas, cenografistas, de trilha e efeitos sonoros, de apoio, de busca de patrocínio – a filmagem e edição foram terceirizadas –, além de um grupo responsável pela elaboração do cartaz de divulgação do filme. Seguindo um cronograma de filmagem e edição, finalizou-se o trabalho de meses, visto que a atividade inicial de leitura foi feita entre março e abril, terminando o acabamento das produções audiovisuais no final de outubro.

O encerramento anual do projeto – nesse ano denominado **Cinemachado** – aconteceu com dois eventos abertos à comunidade escolar e em geral: uma noite de estreia e outra de premiação. Nessa última, foram contemplados os vencedores em categorias anteriormente divulgadas aos alunos e avaliadas por um júri composto de pessoas das mais diversas áreas ligadas à cultura e educação: artistas, músicos, professores, sociólogos, jornalistas, entre outros. Nesse processo, o texto literário apresentou uma face dupla: a leitura-escritura, já que a adaptação da linguagem literária para a cinematográfica ampliou diversas formas de conhecimento, utilizando-se da

¹⁸ As obras lidas e exploradas entre 2007 e 2009 abrangiam literatura nacional e estrangeira, tanto ficção como relatos. Destacam-se: *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella; *Falcão, meninos do tráfico*, de Celso Athayde e MV Bill; *Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída*, de Kai Hermann e Horst Rieck; *Diário de Anne Frank*, de Anne Frank; *Muito longe de casa: memórias de um menino soldado*, de Ishmael Beah; *Cidadão de papel*, de Eduardo Galeano; *O futuro da humanidade*, de Augusto Cury; *Depois daquela viagem*, de Valéria Polizzi; *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva; *O diário de um adolescente*, de Jim Carroll; *Capitães da areia*, de Jorge Amado; *O centauro no jardim*, de Moacir Scliar; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Normalista*, de Bernardo Guimarães; *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *Ana sem terra*, de Alcy Cheuiche; *Cidade de Deus*, de Paulo Lins; *As meninas da praça da alfândega*, de Sérgio Caparelli; *Caminhando na chuva*, de Charles Kiefer; *O grito dos mudos*, de Henrique Schneider; *Adeus, China: o último bailarino de Mao*, de Li Cunxin; *Na natureza selvagem: a dramática história de um aventureiro*, de John Krakauer. Cabe destacar que o aluno também era incentivado a contribuir para essa lista, com sugestões de leituras que julgasse pertinente às temáticas abordadas.

Figura 3 – Banner da edição *Opus Homini*.

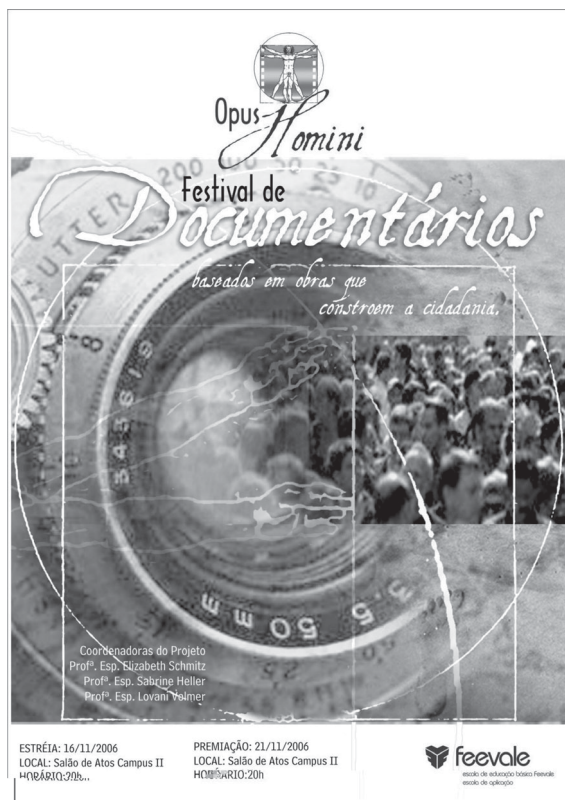


Figura 4 – Banner da edição *Outros olhares*.



palavra e da imagem como ferramentas de criação dos roteiros que, por sua vez, também se transformaram em objeto de leitura.

Dado o alcance do Projeto na comunidade escolar – até mesmo alunos que, no ano seguinte, retornaram das férias com leituras feitas, sem orientação direta dos professores ou obrigatoriedade – organizou-se um segundo festival, também voltado à obra de Machado de Assis (Fig. 1), seguindo os mesmos passos: leitura, roteirização, pré e pós-produção de curtas-metragens, exibição.

Entre **2004** e **2006**, alteraram-se os autores utilizados, o que, conseqüentemente, modificou o nome do festival, respectivamente: Simões Lopes Neto (**Cinetchê** – *Contos e lendas do sul*, fig. 2), Érico Veríssimo (**Cinetchê** – *O tempo e o vento*) e Luis Fernando Verissimo (**Cinebah** – crônicas em geral), mantendo os procedimentos anteriormente descritos.

Figura 1 – Banner do projeto – edições Cinemachado

Figura 2 – Capas de banners de curtas produzidos a partir dos contos “Contrabandista”, “O jogo do osso”; “Os cabelos da china”, de Simões Lopes Neto.

¹⁹ As obras lidas e trabalhadas nesse ano foram de Henrique Schneider, escritor hamburguense, (<http://www.henriqueschneider.com/home/?pagina=biografia>), o que possibilitou, além de encontros com o autor para discussão de sua obra, seu olhar sobre as releituras realizadas pelos alunos, experiência significativa para alunos, professoras e escritor.

Como uma das características do processo de ensino e aprendizagem é a flexibilidade, a proposta inicial sofreu alterações em 2007; os alunos foram desafiados a conhecer e se apropriar de outra perspectiva dentro do audiovisual: o documentário. O que se pretendia era a renovação do projeto, intensificando a participação e o envolvimento dos alunos no processo de criação. Além disso, em vista do acesso a diversas ferramentas tecnológicas de que se dispõe, buscou-se um aprofundamento do seu uso, saindo de um estado passivo, de meros receptores do produto dessas tecnologias, a uma posição ativa, de ação-reflexão-ação. Apesar dessa mudança, a literatura não foi mera coadjuvante no processo; os alunos foram orientados a ler obras de diversos estilos que ilustrassem questões sociais no decorrer dos tempos, bem como fundamentassem a reflexão.¹⁸ Perceber como os mais variados tipos humanos foram e são retratados, qual é o lugar das chamadas “minorias” no universo literário, as mudanças de uma época para outra e, pensando na contemporaneidade, a vida real exposta em livros eram algumas das diretrizes do projeto nesse formato, que levou o nome de ***Opus Homini***, justamente por focar a “obra do Homem” (Fig. 3).

Em 2008, com parcerias importantes para o processo de estudo, desenvolvimento e produção dos documentários, a ação estabeleceu-se como projeto de extensão, passando a se chamar **Outros olhares** (Fig. 4), com a possibilidade de estender as produções realizadas ainda mais à comunidade. As entidades retratadas ou entrevistadas nos documentários, por exemplo, receberam a produção audiovisual para promover debates em seus locais de origem – bairros, associações, escolas.

No ano seguinte, as parcerias continuaram, assim como o “outro olhar” para as questões sociais, a princípio ignoradas por serem apenas olhadas, não percebidas. Entretanto, pela liberdade que a criação literária possibilita, os alunos voltaram a produzir curtas, dialogando os textos lidos com a realidade local.

Em 2010,¹⁹ mesmo com mudanças no quadro de professores, a edição **Outros Olhares** teve continuidade, o que comprova que o projeto faz parte da rotina dessa escola e independe das pessoas que o coordenam. A semente lançada germinou e, por oito anos, foi adubada, cuidada, podada e, quando necessário, replantada pelas mesmas professoras, que, inicialmente, apenas procuravam alternativas de trabalho para as suas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Nesse sentido, é possível comprovar que a leitura literária extrapola a recepção passiva para configurar-se em uma atividade participativa do leitor, pois dá espaço à pluralidade de vozes, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos e criadores.

Ao longo do ano, sempre que possível, os demais componentes curriculares envolveram-se, contribuindo com discussões, pesquisa, informações a respeito das temáticas escolhidas. Além disso, pais e outros profissionais da instituição, cujo trabalho pudesse contribuir para as reflexões, fizeram parte das atividades de suporte. Em especial, destaca-se Arte-educação (composição de cenários e sensibilização), História, Sociologia e Filosofia (estudo das sociedades, suas relações de poder, compreensão do homem e da cultura, contextualização histórica das épocas em que ocorrem as narrativas literárias, entre outros), disciplinas do Técnico em Publicidade (criação de *banners*, edição dos curtas), disciplinas do Técnico em Informática (mostra paralela de desenhos animados, criação de espaço virtual, assessoria), disciplinas do Técnico em Contabilidade (extinto desde 2006 – controle dos patrocínios para pagamento das edições).

Além disso, no ano seguinte à produção audiovisual, os alunos passaram a escrever sobre suas experiências e sentimentos em relação ao trabalho feito; esses textos se juntam e formam um livro chamado *Nos bastidores: da tela ao prazer da escrita*. Faz-se uma noite de lançamento da obra, evento em que um convidado especial fala sobre todo o processo de criação que o projeto envolve. Esse convidado pode ser, como já aconteceu,

um jornalista, um escritor da região, uma autoridade educacional, entre tantas possibilidades de interação. Esses profissionais também são convidados a escrever o prefácio do livro, o que contribui para a valorização da obra coletiva.

Nesse processo, a leitura e a escrita efetivaram-se com significação, não se reduziram a atividades de avaliação escolar para um único receptor. Ampliaram-se para um processo de autoria, de comunhão de ideias, para além das paredes das salas de aula. Houve a possibilidade de se olhar para o mundo de forma diferente, sob outro ponto de vista, partindo de e chegando à produção cinematográfica, uma produção cultural humana contemporânea e que conquista especialmente os jovens.

Considerações finais

Optar por uma proposta de estudo de literatura, centrada na leitura de textos a partir de foco predeterminado como, por exemplo, em temas, rompe intencionalmente com a tendência historicista e tem contribuído para a vivência da leitura literária.

Nessa proposta, para que pudessem traçar metas e estruturar o trabalho pedagógico, antes de tudo, foi preciso que as professoras buscassem informações e leituras que contribuíssem para a atividade. Além disso, pelo fato de trabalharem com um gênero textual diverso do que habitualmente é utilizado em sala de aula – requer uma série de conhecimentos técnicos –, foi preciso se dispor a aprender, o que é crucial para o processo educativo. Isso, com certeza, as colocou em uma posição privilegiada no ofício docente, sem a mítica tradicional de serem as detentoras do conhecimento. Além disso, o fato de se mostrarem dispostas e abertas à aprendizagem sobre, por exemplo, as técnicas para produção audiovisual ou a novas leituras de contos é, acima de tudo, valorizar o conhecimento, provando que ele sempre se abre em novos horizontes à medida que se avança na aprendizagem.

Pensando nessa trajetória, tanto de ano a ano como ao longo de cada um, busca-se qualificar o estudo da Literatura, sendo apresentada, entre tantas definições, por meio da palavra escrita, leitura e imagem. Esses aspectos são contemplados com propriedade no desenvolvimento das atividades envolvidas no

Referências

AGUIAR, Vera T.; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANCHIETA, José. *Poesias*. Trad. de M. de L. de Paula Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Procura da poesia*. In: _____. *Antologia poética: organizada pelo autor*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 247-249.

ANDRADE, Mário de. *Moça linda bem tratada*. In: _____. *Poesia completa*. Edição crítica de Dileia Manfro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ANDRADE, Mário de. *Vestida de preto*. In: LOPES, Telê. *Os melhores contos de Mário de Andrade*. São Paulo: Global, 1988.

BÍBLIA SAGRADA. (Lucas 15: ...). São Paulo: Paulinas, 1967.

BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao Rei*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FONSECA, Rubem. *Passeio noturno – Parte I*. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002. (CD-ROM).

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática. 1994

LIMA BARRETO: contos [CD-Musical]: / 2001 – CD Musical. In: BARRETO, Lima; RANGEL, Pedro Paulo. *Lima Barreto: contos*. Rio de Janeiro: Luz da Cidade, 2001. (2 discos sonoros).

BARRETO, Lima. *O homem que sabia javanês*. São Paulo: Nacional, 2004.

LISPECTOR, Clarice. Uma galinha. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 258-260.

MATOS, Gregório de. A Jesus Cristo Nosso Senhor. In: WISNIK, José Miguel (Org.). *Poemas escolhidos*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1993. p. .297.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

OLIVEIRA, Alberto de; CAMPOS, Geir (Org.). *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.

SABINO, Fernando. O homem nu. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SARAIVA, Juracy Assman. *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____; MÜGGE, E. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

VIEIRA, Antônio. Sermão da sexagésima. In: _____. *Os melhores sermões*: Pe. Antônio Vieira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 11-65.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS (não citadas)

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 126. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2008.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio*: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio*: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 2006. p. 239. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 29 set. 2008.

BORDINI, Maria da Glória. Literatura no 2º grau: o impasse entre ensino e demanda social. In: ZILBERMAN, Regina. *O ensino de literatura no segundo grau*. Porto Alegre: Mercado Aberto, [19—]. (Cadernos da ALB; 2).

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 20 maio 2009.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SALVADOR, César Coll. Significado e sentido na aprendizagem escolar. Reflexões em torno do conceito de aprendizagem significativa. In: _____. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 145-159.

SILVA, Ezequiel T. Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente. In: SOUZA, Renata J. de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 26-35.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. et al. (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 17-48.

E-BOOK



EDUCS

ISBN 978-85-7061-894-4



9 788570 616944